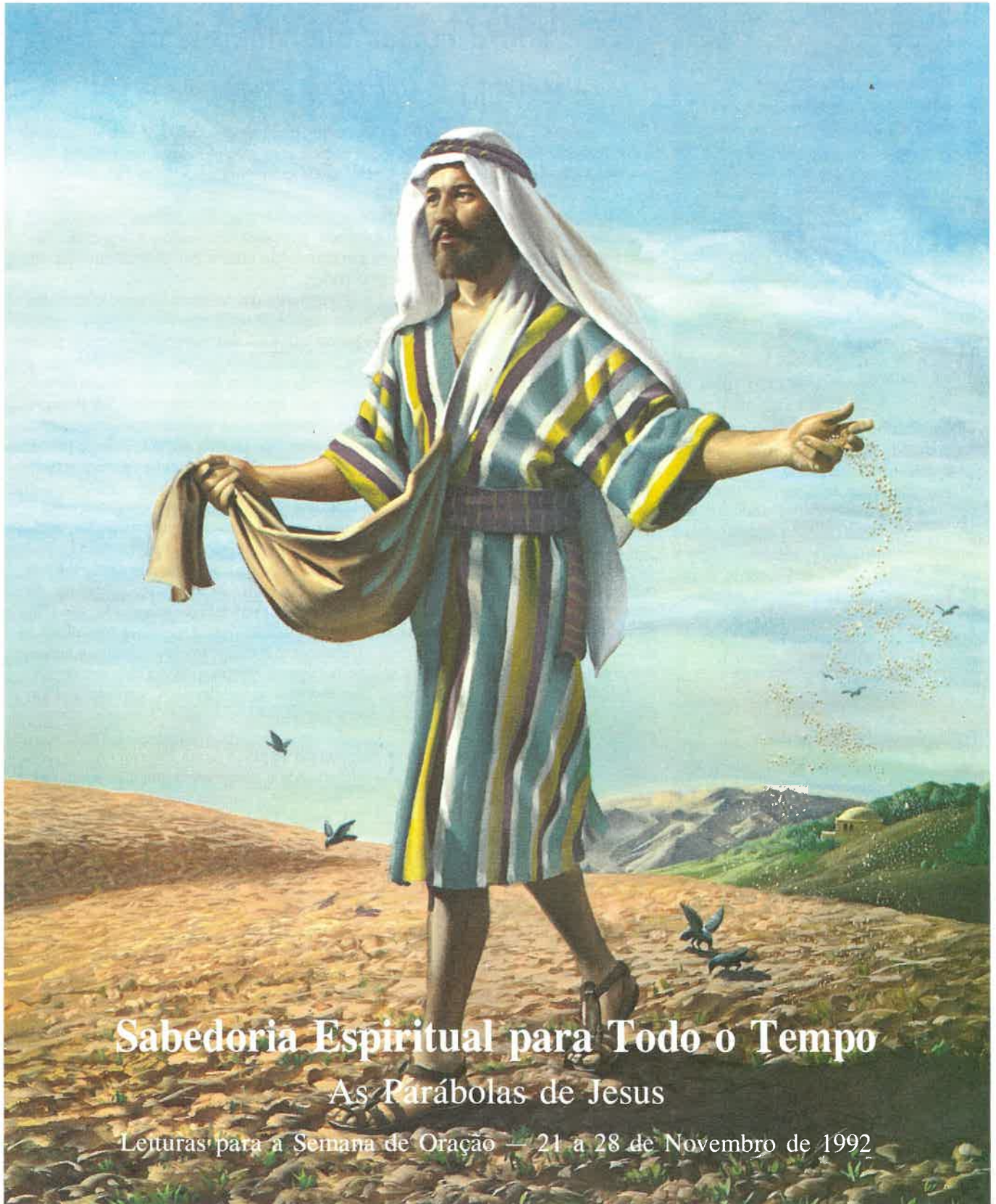


# Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Outubro de 1992



## Sabedoria Espiritual para Todo o Tempo As Parábolas de Jesus

Leituras para a Semana de Oração — 21 a 28 de Novembro de 1992

## NESTE NÚMERO

- 2 Parábolas do Reino**  
Mensagem dos Oficiais da Conferência Geral
- 3 A História de Israel — Não a Repitamos**  
Por R. S. Folkenberg
- 5 Apreciando a Importância das Coisas Pequenas**  
Por John M. Fowler
- 7 O Terceiro Homem**  
Por Helen Pearson
- 9 Requer-se a Honra da Sua Presença**  
Por Frank B. Holbrook
- 11 Crescendo, Expandindo Servindo**  
Por Janet Leigh Kangas
- 14 A Igreja — Porque não é ela Perfeita?**  
Por Joel N. Musvosvi
- 15 Em Grande Ansiedade enquanto aguardamos o Advento**  
Por Mike Ryan
- 18 Como Enfrentaremos o Juízo?**  
Por Ellen G. White
- 20 Para as Crianças: Um Reino Muito Diferente**  
Por Lawrence Maxwell
- 28 Uma Mensagem do Presidente**  
Por Robert Folkenberg

Tradução de M. N. Cordeiro

## PENSAMENTO DO MÊS

«As parábolas de Cristo são elos na cadeia da verdade que une o homem com Deus e a Terra com o Céu.»

E. G. White

# Parábolas do Reino

## Mensagens oportunas sobre coisas que interessam

### Mensagem dos Oficiais da Conferência Geral

«A oração é o abrir do coração a Deus como a um amigo. Não que seja necessário a fim de darmos a conhecer a Deus o que somos, mas para nos capacitar a recebê-lo. A oração não faz Deus descer até nós, mas eleva-nos até Ele.» (*Aos Pés de Cristo*, pg. 93.)

Os discípulos pediram a Cristo para os ensinar a orar. Eles tinham visto o poder que Cristo tinha sobre os demónios, a doença, o desencorajamento e a depressão. Sabiam as longas horas que Ele passava em comunhão com o Pai. Ao testemunharem a Sua vida, quiseram possuir o mesmo poder.

A História regista a vida, as obras e as condições que levaram à morte muitos dos mártires primitivos. O registo conta como muitos deles foram para o lugar da sua execução a cantar e a orar, parecendo ignorar a dor e o sofrimento provocados pelas chamas, ao consumirem-lhes a sua carne.

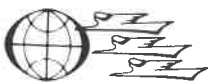
Muito cedo, os dirigentes da Igreja Adventista reconheceram a importância da oração e encorajaram os membros a realizar o culto regular nos seus lares, assim como organizaram reuniões de oração durante a semana e uma vez por ano uma semana especial de oração. Cada ano as leituras da Semana de Oração são planeadas e preparadas com uma perspectiva mundial em mente. Elas têm feito muito para manter a igreja unida como uma grande família.

Mudanças gigantescas ocorreram nos últimos anos. Todos podemos compreender o significado de Apocalipse 7:1-3, onde João, o revelador, descreve anjos a segurarem os ventos da contenda até que o povo de Deus seja selado nas suas testas. O palco político está todo preparado para a segunda vinda de Cristo. Compete-nos a nós partilhar o Seu amor e mostrar, através das nossas vidas, o poder da Sua graça salvadora, de maneira que as pessoas que ainda não O conhecem e estão a viver numa confusão religiosa, possam ouvir o Seu chamado para sair da Babilónia e aceitar a Sua plena e perfeita mensagem. Experimentemos pessoalmente o reavivamento e reforma necessários para que o carácter de Cristo seja perfeitamente reproduzido em cada um de nós.

É apropriado que as leituras deste ano abordem as parábolas. Cristo ensinou em parábolas para que aqueles que quisessem conhecê-lo e segui-lo pudessem compreender.

Durante esta Semana de Oração, enquanto o Espírito Santo imprime nas nossas mentes as lições que Jesus deseja que aprendamos e compreendamos das parábolas, oxalá possamos experimentar a união de propósito e a unidade pela qual Ele orou em João 17:21-23: «Para que todos sejam um, como Tu, ó Pai, o és em Mim, e Eu em Ti; que também eles sejam um, em nós, para que o mundo creia que Tu me enviaste. E Eu dei-lhes a glória que a Mim me deste, para que sejam um, como nós somos um. Eu neles, e Tu em Mim, para que eles sejam perfeitos em unidade, e para que o mundo conheça que Tu me enviaste a Mim, e que os tens amado a eles como me tens amado a Mim.»

## Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Outubro de 1992 — Ano L • N.º 546

### DIRECTOR:

J. Morgado

### REDACTORA:

M. R. Baptista

### PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.

### REDACÇÃO E

### ADMINISTRAÇÃO

Rua Joaquim Bonifácio, 17

1199 Lisboa Codex

Telef. (01) 542169

### PREÇOS:

Assinatura Anual

950\$00

Número Avulso

95\$00

### EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.

Vale Travelho • Pedreiras

2480 Porto de Mós

Telef. (044) 402413

Fax: (044) 401575

Depósito Legal n.º 2705/83

# A História de Israel — Não a Repitamos

## A Parábola da Vinha

Por R. S. Folkenberg

Escritura: Mateus 21:33-45

**O**uçam outra parábola: Houve um construtor que construiu alguns apartamentos. Ele não poupou despesas e construiu apartamentos muito bonitos e instalou neles um sofisticado sistema de segurança. Depois de ter acabado o projecto, contratou uma pessoa para administrar os apartamentos e partiu para uma longa viagem. No fim do ano o construtor enviou o seu gestor de contas ao escritório do administrador dos apartamentos para verificar os livros de contabilidade.

O administrador recusou-se a mostrar-lhe os livros. O construtor enviou outro gestor de contas, mas o administrador nem sequer o deixou entrar. Depois ele enviou o chefe dos gestores de contas, mas este foi tratado ainda pior. Por fim o construtor enviou o seu filho, e que era o seu sócio na firma. «Ele respeitará o meu filho», disse ele.

O administrador viu o filho a vir e disse: «O construtor é um homem muito velho, e se o seu filho tivesse algum terrível acidente, ele ficaria tão preocupado com a dor que se esqueceria deste seu pequeno investimento e eu poderia tomá-lo para mim.» Assim, o administrador preparou um terrível acidente, e o filho foi morto.

O construtor, todavia, não se deixou enganar, e que pensam que ele fará ao administrador?

«Ele trará aquele miserável a um fim trágico», responderam aqueles que ouviam a história, «e dará o complexo de apartamentos a outra pessoa para o administrar, que mantenha a escrita ho-

nesta e pague ao construtor o que lhe for devido.»

### **Esforço não recompensado**

Já alguma vez vos esforçastes bastante num determinado empreendimento, esperando receber alguma recompensa, e no final nada recebestes? Eu já tenho, por vezes, trabalhado bastante no meu jardim com a esperança de colher o fruto do meu trabalho, mas quando chegou o tempo da produção, esta não tinha qualquer semelhança com as fotografias dos catálogos das sementes. Não obtive o que pensava ser a recompensa adequada para todo o meu árduo trabalho.

Deus sentiu algo semelhante a respeito de Israel. Deus escolheu-os, abençoou-os e deu-lhes regras para frutificação — a lei. Depois Deus remiu-os do Egito, abriu caminho para eles através do Mar Vermelho, susteve o rio Jordão e abriu-lhes a Terra Prometida. Deus esperou com razão algum fruto.

Ellen White descreve a espécie de fruto que Deus esperou: «No meio de um mundo caído e mau, eles deviam representar o carácter de Deus.» (*Parábolas de Jesus*, pg. 285.) Este fruto devia ser exibido: «Na pureza dos seus caracteres, na santidade das suas vidas, na sua misericórdia, amorosa amabilidade e compaixão.» (*Ibid.*, pg. 286.)

Deus desejava um povo que fosse testemunha no grande conflito contra as acusações de Satanás. Satanás acusava Deus de ser injusto e este povo especial devia ser um exemplo no mundo da justiça de Deus.

Mas as Escrituras dizem que Israel

não foi frutífero. Eram uma vinha sem uvas. Eram uma horta sem tomates. Eram um complexo de apartamentos sem rendimento.

Em Mateus 21:18-19 encontramos a história da figueira que se secou: «E, de manhã, voltando para a cidade, teve fome. E, avistando uma figueira não achou nela senão folhas. E disse-lhe: Nunca mais nasça fruto de ti! E a figueira secou, imediatamente.» Israel deu uma mostra de fruto, mas num exame mais de perto provou-se ser estéril. Dar mostras de fruto e ser estéril é pior do que não dar mostra alguma.

O que Deus lhes dera para partilhar com o mundo, eles guardaram para si mesmos. «Israel é uma vide frondosa; dá fruto para si mesmo» (Os. 10:1). Em vez de serem produtores, eram consumidores. Em vez de expandirem o reino de Deus, contraíam-no. Em vez de serem um activo para o mundo, eram um passivo. Amontoavam as bênçãos de Deus para si mesmos.

Os principais dirigentes religiosos compreenderam o que Jesus dizia. Compreenderam tão bem que quiseram «prendê-l'O» (Mat. 21:46). Eles compreenderam — mas compreendemos nós de facto? Podemos ver como esta parábola descreve aqueles que viveram e rejeitaram Jesus há 2000 anos. Mas nós estamos a viver hoje. Aplica-se esta parábola a nós?

### **Bênçãos para Partilhar**

Como Israel, fazemos parte de um povo privilegiado. Deus reuniu-nos, chamou-nos. Que estamos a fazer com as nossas bênçãos? Que vêm as pessoas quando vêm às nossas igrejas? Vêm elas uma aparência de fruto? Vêm uma figueira cheia de folhas, mas sem figos?

Podemos ter a aparência de fruto; podemos ensinar doutrinas certas e pregar bons sermões. Mas temos o fruto correspondente? Como Ellen White diz: «No meio de um mundo caído e mau eles deviam representar o carácter de Deus.» Representamos nós o carácter de Deus na pureza dos nossos caracteres, na santidade das nossas vidas, na nossa misericórdia, na nossa amorosa amabilidade e compaixão? Estamos nós a usar as bênçãos de Deus para nós mesmos, ou estamos a partilhá-las com outros?

Tomemos, por exemplo, a compreensão adventista da saúde. Que bênção ela é para nós! Infelizmente, no mo-



mento exacto em que outros estão a captar a mensagem, alguns de nós estamos a tomar uma atitude contra ela. No tempo exacto em que outros se estão a tornar vegetarianos e a abandonar práticas prejudiciais, alguns de nós temos descoberto a «liberdade do evangelho» e estamos a abandonar as leis do viver saudável que temos ensinado. Não estou a equacionar vegetarianismo com salvação, nem nada do género, mas não é bizarro que necessitemos de expressar a nossa liberdade da nossa mensagem quando, na mesma altura, outros estão a descobrir as verdades dela?

Ou que dizer da nossa identidade única? Temos tido, como povo, uma identidade que se tem manifestado na natureza conservadora do nosso vestuário. Podíamos dizer, costumávamos dizer, quem eram adventistas e quem não eram. Agora enquanto as pessoas no mundo estão à busca de comunidade e identidade, nós parecemos prontos a abandonar aquilo que nos distingue.

Ou que dizer da nossa imagem da lei e da graça? Foi-nos dada uma imagem de Deus que nos habilita a unir a misericórdia com a justiça. Temos uma compreensão especial do evangelho e da lei. A religião hoje em dia perdeu numa grande extensão os seus ancoradouros. O cristianismo popular já não crê mais na certeza da lei, da Escritura ou de Jesus. Uma tal liberdade é futilidade: é anarquia religiosa. E agora, enquanto todo o mundo perde toda a perspectiva sobre a lei, alguns dentre nós parecemos estar em necessidade de provar a nossa liberdade da lei. Eu digo, não abandonemos os próprios fundamentos do movimento quando eles são mais necessários!

### **Afundando ou navegando?**

Já ouviram a expressão: «Use ou perca». Se nós, que temos a verdade do evangelho, que nos foi confiada pelo Senhor, não produzirmos fruto, perdê-la-emos. «Portanto, Eu vos digo que o reino de Deus vos será tirado, e será dado a uma nação que dê os seus frutos» (Mateus 21:43).

Não desejo entrar numa discussão sobre se a verdade que foi dada à Igreja Adventista pode ser-nos tirada ou se a igreja permanecerá até ao fim. Só falar do assunto demonstra já perda de foco. Se nos centrarmos sobre a questão de quão seguros estamos como povo de Deus, em vez de qual é a nossa

missão, já perdemos «o reino de Deus». A nossa missão não consiste em argumentar uns com os outros sobre quão submergível é o barco — a nossa missão é continuar a navegar.

Sinto que temos muitas discussões que não estão relacionadas com a nossa missão e que não produzem fruto. Uma das maneiras de verificarmos o progresso da igreja é considerarmos quanto da nossa conservação aborda a igreja e os seus problemas em comparação com as maneiras como melhor podemos realizar a tarefa que Deus nos deu a fazer no mundo. *Deus está interessado na produção de fruto, não na discussão da árvore de fruto.* Jesus está à busca do fruto do evangelho nas nossas vidas, e o apóstolo Paulo é claro acerca de qual é esse fruto: «Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança» (Gál. 5:22).

---

## **A nossa missão não consiste em argumentar uns com os outros sobre quão submergível é o barco — a nossa missão é continuar a navegar.**

---

A parábola de Jesus, dos lavradores, é uma reminiscência de Isaías 5:1-7: «Agora cantarei ao meu amado o cântico do meu querido a respeito da sua vinha. O meu amado tem uma vinha num outeiro fértil. E a cercou, e a limpou das pedras, e a plantou de excelentes vides; e edificou no meio dela um lagar; e esperava que desse uvas, mas deu uvas bravas. Agora, pois, ó moradores de Jerusalém e homens de Judá, julgai, vos peço, entre mim e a minha vinha. Que mais se podia fazer à minha vinha, que eu lhe não tenha feito? e como, esperando eu que desse uvas, veio a produzir uvas bravas?... A vinha do Senhor é a casa de Israel, e os homens de Judá são a planta das suas delícias: e esperou que exercessem juízo, e eis aqui opressão; justiça, e eis aqui clamor.»

Imaginem o Senhor a trabalhar o solo, a ti e a mim. Daremos fruto por este trabalho? Posso imaginar que quando o construtor não despediu o administrador a primeira vez que o gestor

de contas não conseguiu obter os livros da contabilidade, o administrador pensou: *Bem, parece que ele não vai fazer nada a este respeito. Posso desembaraçar-me desta situação mediante assassínio!* Ele cometeu o erro de interpretar a paciência como falta de vontade para agir. Mas a paciência e a longanimidade da parte do construtor não significava que ele deixaria as coisas a deslizarem para sempre. A paciência não é impotente.

### **A Pedra angular**

O que é que teria salvo Israel da sua condenação? O que é que nos salvará de uma condenação semelhante? Jesus disse-lhes: «Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os edificadores rejeitaram, essa foi posta por cabeça do ângulo?» (Mat. 21:42).

Quando Jesus é o foco, haverá fruto. «Quem cair sobre esta pedra despedar-se-á; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó» (Versículo 44). Jesus, como pedra angular, era o tema favorito da igreja cristã primitiva. Pedro usou-o na sua defesa perante o Sinédrio e na sua carta. «Ele é a pedra que foi rejeitada por vós, os edificadores, a qual foi posta por cabeça de esquina» (Actos 4:11). «E assim, para nós, os que credes, é preciosa, mas, para os rebeldes, a pedra que os edificadores reprovaram, essa foi a principal da esquina» (I Pedro 2:7).

Durante a construção do Templo de Salomão, as pedras eram extraídas da pedreira, cortadas cuidadosamente nos tamanhos necessários e depois transportadas para o local do Templo. Aí, elas eram colocadas silenciosamente nos seus devidos lugares, sem a utilização de qualquer martelo ou cinzel para as ajustar.

«Uma pedra de tamanho descomunal e forma peculiar tinha sido trazida; mas os construtores não encontravam lugar para ela, não a queriam aceitar. Era-lhes um estorvo ao permanecer sem uso no seu caminho.» (*O Desejado de Todas as Nações*, pg. 598.) Durante muito tempo permaneceu como pedra rejeitada. Quando chegou a ocasião de colocar a pedra de esquina, os construtores procuraram encontrar, durante muito tempo, uma pedra de resistência adequada para suportar o peso e de dimensões correctas para se ajustar ao ângulo. Uma variedade de pedras foram escolhidas, e uma após outra foram experimentadas. Elas ou não se ajustavam

ou esmagavam-se quando o peso das outras pedras era colocado sobre elas. Finalmente esta pedra rejeitada, que suportara o tempo, foi notada e experimentada. Ajustou-se perfeitamente e suportou adequadamente o peso das paredes.

A história tornou-se parte da tradição de Israel. «A Pedra que os edificadores rejeitaram tornou-se cabeça da esquina» (Sal. 118:22).

---

## Se não construirmos sobre a Rocha, Jesus, construiremos em vão.

---

Os israelitas conheciam o significado deste símbolo, e quando Jesus o aplicou a Si mesmo, eles decidiram matá-l'O.

A Pedra, Jesus Cristo, é o fundamento. Nada perdurará que não seja construído sobre Jesus.

Desejamos fruto nas nossas vidas? Sobre que fundamento estamos a construir? Muitas vezes empenhamo-nos em construir o nosso casamento, a nossa educação, a nossa carreira, com pouco ou nenhum pensamento sobre que fundamento estamos a construir. Se não construirmos sobre a Rocha, Jesus, construiremos em vão.

«Porque ninguém pode pôr outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo» (I Cor. 3:11). Não é bom voltarmos para a negligenciada pedra de esquina? Os contrutores do templo voltaram para a pedra rejeitada. Podemos, como Salomão, ter experimentado tudo, e mesmo assim não nos sentirmos satisfeitos. Voltemos para a pedra de esquina! Jesus é plenamente capaz de suportar o peso das nossas cargas, plenamente capaz de suportar o peso dos nossos problemas, plenamente capaz de suportar o peso das nossas ansiedades. E aguarda o convite para ser a nossa pedra de esquina.

Não sei o que está para vir em 1993. Não sei que cruz teremos de suportar, que problemas teremos de enfrentar, que dores estarão dentro das nossas portas. Mas sei que, com Jesus como pedra de esquina, podemos suportar qualquer peso de provas e enfrentar qualquer tempestade de ansiedade.

Uma senhora idosa, que vivera uma vida tranquila, plena do evangelho, estava doente e à beira da morte. O pastor veio visitá-la, tomou a sua mão e perguntou: «Como se sente?» «Bem, senhor», disse ela, «eu estou sobre a Rocha!»

Isso é tudo quanto necessitamos de saber acerca de 1993. Não saber o que nos espera nesses meses, mas sim quem é o nosso fundamento. Não saber onde vamos trabalhar, mas quem estará a trabalhar connosco. Não saber quando ocorrerá algum desastre, mas saber quem é a nossa pedra angular quando tal ocorrer. Como se sente? Está aliçado sobre a Rocha?

## Perguntas para Reflexão:

1. Que espécie de fruto esperou Deus do antigo Israel?
2. Podemos nós, como Israel moderno, estar a repetir a triste história do antigo povo de Deus?
3. Como podemos produzir fruto hoje?



R. S. Folkenberg é o Presidente da Conferência Geral.

---

Domingo, 22 de Novembro

# Apreciando a Importância das Coisas Pequenas

*A Parábola da semente de mostarda*

---

Por John M. Fowler

---

*Escritura: Mateus 13:31-32*

Jesus veio proclamar o reino. Era um tempo em que a nação judaica inteira esperava o derrube do jugo romano e o iminente governo do reino do Messias. Foi um tempo em que os discípulos deixaram o seu modo de vida e seguiram a Jesus em antecipação do reino. Foi um tempo em que o povo comum da Palestina viu os milagres do Homem de Nazaré e perguntava a si mesmo se Ele iria mesmo estabelecer o reino. Foi o tempo em que a antecipação da mudança, da libertação e do estabelecimento do reino atingiu o seu ponto mais alto na atmosfera da Judeia e Galileia.

No contexto de tais expectativas, Jesus veio para proclamar o reino — a sua natureza, o seu propósito, o seu po-

vo, a sua glória e o seu cumprimento. Contra as expectativas do poder, pompa e posição, Jesus veio proclamar que o reino do Céu é como uma semente de mostarda.

A parábola é registada por Mateus, Marcos e Lucas. Consideremos o texto de Mateus 13:31-32: «O reino dos Céus é semelhante ao grão de mostarda que o homem, pegando nele, semeou no seu campo; o qual é, realmente, a mais pequena de todas as sementes; mas, crescendo, é a maior das plantas, e faz-se uma árvore, de sorte que vêm as aves do Céu, e se aninham nos seus ramos.»

Que quis Jesus ensinar-nos com esta parábola? Descartemos, de imediato, as setas insignificantes e irrelevantes que certos cépticos atiram a esta parábola. A mostarda não é a semente mais pe-

quena. Nem uma planta de mostarda é uma árvore. Nem todas as aves do céu vêm e se aninham nos seus ramos. Jesus não nos está a dar uma lição de botânica, zoologia ou ecologia. O nosso Senhor está simplesmente a utilizar uma ilustração simples e comum, para com ela tentar alcançar os nossos corações com grandes verdades a respeito do Seu reino.

A parábola apresenta um paradoxo surpreendente — e o paradoxo era um meio de ensino frequentemente usado por Jesus: os pobres herdarão o reino (Mat. 5:3); o serviço é a estrada para a realeza (Marcos 10:42-44); a abnegação leva à realização própria (Lucas 9:23-24); o mais pequeno será o maior (versículo 48); a morte é vida (João 12:24). Uma semente, pequena e insignificante como a mostarda, produz vida que é significativa, enorme e útil.

A parábola aponta três verdades vitais a respeito do reino de Deus: a sua certeza, o seu crescimento e a sua universalidade.

### Certeza do Reino

Jesus leva-nos a recordar que o reino de Deus é certo e seguro. Muitos antes e depois d'Ele têm construído reinos. Alexandre estendeu as suas conquistas do mar Jónio ao rio Indo, e chorou porque não havia mais Terra para conquistar. Os Césares marcharam ao longo do globo, construindo cidades e estradas em nome da civilização de um mundo bárbaro. Religiões místicas e filosofias majestosas construíram edifícios no Leste e no Ocidente, com a esperança de providenciar sossego para a alma humana e uma utopia para todos os males. A tecnologia de hoje criou o super-homem, que pode simultaneamente desafiar a existência de Deus e equacionar o potencial humano com o divino. Contra todos estes mundos e reinos permanece o reino de Deus, certo e seguro como uma semente de mostarda.

Em primeiro lugar, como a semente de mostarda, a certeza do reino está na sua vida. O reino de Deus é um princípio de vida. Em Mateus 12:28 temos uma indicação deste aspecto do reino: «Se Eu expulso os demónios pelo Espírito de Deus, é consequentemente chegado a vós o reino de Deus.» A invasão da história desta Terra por Jesus significou a condenação do maligno.

Onde Jesus está, aí Satanás estremece e foge, e a morte desaparece. A vida reina e é redimida pela graça de Deus: a graça que criou o mundo, a graça que se estendeu para o caído Adão e lhe prometeu restauração, a graça que anteviu a cruz, a graça que prometeu novos céus e nova Terra, é a graça pela qual somos salvos do pecado a fim de que «sejamos feitos herdeiros, segundo a esperança da vida eterna» (Tito 3:7).

### Poder Interior

Segundo, como a semente que tem a sua certeza no princípio de vida, o reino de Deus tem a sua própria dinâmica interior — «o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê» (Rom. 1:16). Assim, o reino não está dependente de nenhuma força exterior. «Educação, cultura, o exercício da vontade, o esforço humano, todos têm a sua própria esfera, mas aqui são impotentes. Podem produzir um comportamento exterior correcto, mas não podem mudar o coração; não podem purificar as fontes da vida. É preciso haver um poder que opere de dentro, uma nova vida de cima, antes de os homens poderem ser mudados do pecado para a santidade. Esse poder é Cristo. Somente a Sua graça pode despertar as faculdades sem vida da alma, e atraí-la para Deus, para a santidade.» (*Aos Pés de Cristo*, pg. 18.)

Olhemos de novo a semente de mostarda. Ela pode ser a mais pequena das sementes plantada no campo. todavia, dentro dessa semente está a certeza da vida; e quando plantada, ela cresce, e cresce até um tamanho que é astronomicamente maior do que os seus começos.

A questão é ao mesmo tempo confortadora e portadora de certeza. Para os discípulos — um grupo sem educação, faltosos, simples, insensatos, conflituosos, duvidosos, inquisitivos — questão que deve ter ocorrido frequentemente nas suas mentes terá sido de incerteza e dúvida. Vale realmente a pena? Deixar as redes, abandonar a busca de colector de impostos, renunciar à carreira de zelote para o reino, assistir de um modo de vida estável, seguro e certo, para seguir este Homem de Nazaré — vale isto a pena?

### Vale isso a Pena?

Vale a pena deixar alguém a sua casa para seguir um Homem que disse: «As raposas têm covis e as aves do céu

têm ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça» (Mat. 8:20)? É prudente obedecer ao Homem que insiste na abnegação e no carregar a cruz como caminho para o reino (Mat. 16:24)? É seguro render-se Àquele que fala constantemente do reino em termos obscuros, espirituais, éticos e relativos, em vez de realidade presente concreta? Vale a pena arriscar o presente pelo futuro com este Homem?

Tais questões não se devem restringir apenas aos discípulos. Elas refletem as reservas pragmáticas e cépticas do espírito humano em cada época, cultura e fronteira. A cultura adventista não é excepção alguma. Estamos rodeados pela tirania da grandeza — precisamos de ler o maior jornal; ver o melhor jogo de futebol de sempre; lutar pela posição mais elevada, mesmo quando falamos de serviço; trabalhar de maneira a fazer dos nossos filhos o melhor médico ou advogado (ou, se tudo o mais falhar, o melhor pastor); devemos pregar o melhor sermão; e baptizar o maior número de pessoas. No contexto de tais definições distorcidas de prioridade hoje, Jesus dirige a nossa atenção para a semente de mostarda.

Jesus falou frequentemente do valor infinito, do pequeno, do insignificante — a pequena moeda da viúva, a moeda perdida, um copo de água fria, um destes pequeninos (Lucas 21:2,3; 15:8-10; Mat. 24:34-41). Em tais insignificantes símbolos de existência, a glória de Deus pode brilhar, para tornar o pequeno, grande; o feio, bonito; os pródigos, filhos e filhas de Deus. Essa é a certeza do crescimento e segurança no reino de Deus — tanto para o cristão individual como para o corpo colectivo de Cristo.

A história da igreja revela a verdade da parábola. Um grupo de pescadores, quebrantados no corpo e no espírito pelos acontecimentos da sexta-feira da Páscoa, viram uma nova aurora no domingo, e, estimulados pelo Pentecostes, viraram o mundo de alto a baixo para Deus. Séculos de obscurantismo, unidos a uma religião opressiva organizada, não puderam suprimir Lutero quando ele semeou a semente de mostarda de que o justo viverá pela fé.

«Sente-se, miserável desgraçado», disseram as autoridades eclesiásticas a um jovem sapateiro-remendão que se sentia chamado a plantar a semente além-mar. Mas quando Guilherme Carey recusou sentar-se e, em vez disso,

navegou para Calcutá, nasceu o movimento moderno das missões. E a semente de mostarda tornou-se de novo uma árvore global. Um grupo de jovens, destituídos de riqueza, educação ou poder, mas com uma visão da breve vinda de Jesus, decidiram conquistar o mundo. Com pobreza, sofrimento e sob ridículo, Ellen e Tiago White, José Bates, J. N. Andrews e outros, plantaram a semente de mostarda — e agora, contemplai o que Deus tem operado em 150 anos!

---

**Nosso Senhor toma uma ilustração simples, comum e com ela procura alcançar os corações com grandes verdades a respeito do Seu reino.**

---

Mas a comunidade adventista hoje deve reflectir sobre duas questões sérias: Está a semente da graça a crescer dentro de nós, como indivíduos, dando abrigo às «aves do céu»? E nós, como comunidade de fé, estamos conscientes da tentação de equacionar grandeza com beleza, tamanho com significação e crescimento com qualidade? A parábola da semente de mostarda é um desafio ao indivíduo, assim como à comunidade, no sentido de experimentarem o reino de Deus em termos de certeza quanto à graça, ao crescimento cristão e à família de Deus.

A parábola ensina a certeza do reino, o crescimento o reino, e, finalmente, a universalidade do reino. Jesus disse: «Vêm as aves do céu, e se aninham nos seus ramos.» Está isto relacionado com Daniel 4:12 e Ezequiel 17:23; 31:6, onde é dada a promessa de um lugar no reino de Deus a todos os povos de todas as nações? A literatura rabínica usava por vezes a frase «aves do céu» para se referir aos Gentios. Seja como for, como alguém devotado ao poder do evangelho, vejo nesta parábola uma bela imagem do reino — aberto, dinâmico e abraçando o globo.

Nós temos, na realidade, uma estratégia global para levar o evangelho a todo o canto do mundo. As fronteiras do mundo, até aqui hostis e não entradas, estão agora a ocupar a atenção

dos nossos administradores, conselheiros, membros de igreja, evangelistas e pastores, de maneira que a bandeira do reino tremule bem alto em toda a parte como testemunha do Rei vindouro.

Mas há ainda outra lição que a parábola nos quer ensinar: Permitir que todas as aves do céu encontrem um lugar na árvore de mostarda. O evangelho de Jesus deve criar um lugar de nicho para todos os povos do mundo — para homens e mulheres, brancos e pretos, ricos e pobres, educados e iletrados, para pessoas de casta e sem casta e para todos os que estão entre estes dois extremos. Pois em Cristo, não temos divisões, mas unidade; não temos nação, mas uma comunidade de Deus (Fil. 3:20).

Pela graça de Deus, nós, como Adventistas do Sétimo Dia, podemos verdadeiramente ser uma planta de mostarda plenamente crescida — um movimento dinâmico da graça de Deus,

uma comunidade escatológica, vivendo uma fé, comendo um pão, crescendo num testemunho unido e esperando um Senhor! Maranata!

### Perguntas para Reflexão!

1. Que três verdades vitais acerca do reino de Deus ensina esta parábola?
2. Que diz a parábola acerca da nossa fascinação pelas coisas grandes e a glória mundana?
3. Qual é a mensagem de universalidade nesta parábola? Ela faz-lhe lembrar Daniel?



*Durante 32 anos John Fowler serviu na Divisão Sul-Asiática como pastor, editor, educador e administrador. Actualmente é editor-adjunto da revista Ministry.*

---

Segunda-feira, 23 de Novembro

# O Terceiro Homem

## A Parábola dos Talentos

---

Por Helen Pearson

---

*Escritura: Lucas 19:11-27*

**N**egócios de especulação, medo, mistério e relações complexas. A parábola dos talentos faria uma boa peça de teatro. Os três homens da parábola seriam considerados estrelas ascendentes. Eles viram como se gerem os negócios. Têm uma boa relação com a administração superior. Parecem maduros para a promoção. Agora o chefe executivo oferece-lhe posições de responsabilidade e a oportunidade de se afirmarem no mundo dos negócios.

Na peça de teatro haveria ampla oportunidade de focar o mundo dos ne-

gócios. Cena 1: o acordo original com o chefe. Cena 2: os dois primeiros homens num comportamento confidencial, negociando com o banco e o mercado de títulos. Cena 3: o clímax, o retorno do chefe.

Agora a peça de teatro, como a história original, deve movimentar-se da descrição da acção pública para a exploração do motivo pessoal. A história começa por examinar as raízes do comportamento humano. Quando o chefe descobre como os três usaram o seu dinheiro, a história foca as operações da mente humana, especialmente a mente do terceiro homem. Porque não

aproveitou ele a maravilhosa oportunidade que lhe foi concedida? Porque escondeu os seus talentos, em vez de os ter investido?

Uma peça de teatro deve fazer o que a própria história faz e o que todos nós devemos fazer se quisermos crescer na vida espiritual — deve dar alguma atenção ao elo de ligação entre o pensamento e a acção. Deve oferecer alguma perspicácia às actividades do espírito humano.

A história que Jesus contou pode não conter muitas palavras para descrever como funcionou a mente do terceiro homem, mas há informação suficiente.

Quando o chefe retorna para o interrogar, ele pinta um quadro gráfico. As suas palavras descrevem não somente as suas reacções enquanto o chefe estava ausente, mas também os seus sentimentos durante a sua anterior sociedade comercial. Agora as atitudes por detrás das suas acções começam a surgir à luz. Juntamente com o seu dinheiro, o terceiro homem desenterrara velhos ressentimentos, descobrira atitudes críticas e expusera sentimentos negativos para com o seu chefe. Ele começa com um ataque pessoal, parafraseando: Mestre, eu sabia que és um homem duro, ceifando onde não semeaste e colhendo onde não espalhaste semente (Lucas 19:21).

Algumas das suas acções tinham sido as de um empregado leal, mas de pressão se torna claro que enterrar coisas tem sido um modo de vida do terceiro homem. Sob a superfície, ele não tem sido um homem devotado. Ele desenterra todos os sintomas de uma relação deformada: ira, ressentimento, acusação.

Ele acusa o chefe de injustiças feitas a outro. Expressa o seu ódio ao mestre, a quem vê como um tirano arbitrário. Ele alega que os métodos do mestre tocam as raías da desonestidade. Finalmente, ele chega à verdade. Saem da sua boca aquelas três palavras tão essenciais à nossa compreensão de toda a história. «Eu tive medo» disse ele. Por debaixo de toda a cólera, culpa, ressentimento, o terceiro homem reconhece finalmente o seu medo e a sua indisposição em se confiar ao mestre ou aos seus métodos.

Nesta história, Jesus foca as atitudes que estão na base de algumas das acções daqueles que pareciam estar próximos do Mestre do Universo. Ele olha para as tentações que enfrentam. O que

é que impede, pergunta Jesus, aqueles que parecem próximos de Deus de usar e gozar as Suas dádivas?

Esta não é uma história sobre pecadores descuidados, como a do filho pródigo que vagueia longe da casa do pai e gasta os seus bens em orgias de bebida e viver dissoluto. Não é uma história sobre seguidores insensatos do Mestre que, como as virgens loucas, falham em fazer previsão espiritual para si mesmos. Esta história é acerca do círculo espiritual íntimo, aqueles que tiveram acesso ao Mestre do universo, que receberam dádivas d'Ele. O terceiro homem está consciente do valor daquilo que lhe foi confiado, mas a sua fraqueza reside na tendência de expressar a sua preocupação, sufocando a ansiedade em vez de revelar confiança criativa.

### Por detrás da fachada

Jesus adverte que, por detrás daquilo a que cristãos professos chamam prudência, sabedoria ou humildade, pode haver medo, dúvida, ignorância espiritual e cobardia. Ele prepara-nos para nos pormos em guarda contra a tragédia experimentada por aqueles que parecem ter feito progresso na casa do Mestre, mas nunca aprenderam a gozar as dádivas que lhe têm sido dadas ou a corresponder à confiança neles depositada.

Mas porque são tão temerosos? As palavras do terceiro homem descrevem um círculo vicioso. As pessoas fracassam em usar as dádivas de Deus porque desprezam as dádivas e falham em confiar no Doador. E quando não usam e desenvolvem as suas dádivas, não somente se deterioram as próprias dádivas, como as relações íntimas com o Doador celestial. As pessoas passam a ver Deus como alguém indigno de confiança no Seu modo de tratar com as Suas criaturas. Elas podem continuar a fazer coisas para Deus, mas fazem-no sem o amor ou a confiança que brota de uma relação pessoal. Duma maneira crescente passam a ver Deus em termos assustadores e distorcidos.

A parábola desafia-nos a olhar de perto a nossa imagem de Deus. Confiamos nós em Deus como um Pai generoso, ou temos medo d'Ele? É muitas vezes mais fácil do que pensamos preservar uma imagem negativa de Deus na privacidade das nossas mentes — uma imagem que mantemos escondida dos outros e até de nós mesmos.

A imagem que o terceiro homem nutria do Mestre não surgiu à luz do dia até que ele foi colocado sob pressão. As nossas imagens de Deus podem, semelhantemente, permanecer na profundidade da nossa consciência, sem serem examinadas, até que alguma crise nos leve a tornar-nos conscientes de que há mais medo ou ira do que amor na nossa relação com Deus.

### Ira Secreta

Num nível individual, a parábola desafia-nos a perguntar honestamente a nós mesmos que imagem temos das dádivas de Deus. Como cristãos, afirmamos que há um Deus que cuida individualmente dos Seus filhos e lhes dá dádivas. Mas é isto que, na realidade, sentimos individualmente, quando avaliamos os dons materiais e espirituais que Deus nos dá?

Não é invulgar alguns professos cristãos sentirem ira secreta por Deus não nos ter dado as bênçãos que gostaríamos que nos desse. Deus parece às vezes ter dado mais dinheiro, maiores casas ou melhores empregos aos outros. E nós podemos sentir-nos ressentidos com as nossas dádivas pessoais. Outros podem parecer ter recebido mais inteligência ou maiores dons de personalidade e temperamento. Podemos sentir que os outros têm mais energia, enquanto nós sofremos com algum defeito físico.

E no reino espiritual? Ficamos frustrados por às vezes outros parecerem ser mais piedosos, mais bem sucedidos em ganhar almas, mais eficazes nas suas relações com os membros da igreja ou da família? Talvez Deus os esteja a recompensar pela sua bondade. Talvez sejamos tentados a pensar: *Deus ama-os mais*. Se nutrirmos pensamentos como este, é fácil terminar, como o terceiro homem, a sentir ira, porque a maneira de Deus operar parece-nos injusta. Como ele, enterramos sossegadamente os talentos que nos foram dados e consideramos o céu responsável pela nossa falta de produtividade na causa de Deus. Falta-nos a energia que resulta de um senso de que Deus está connosco, cuidando de nós. Se, como membros individuais da igreja, não confiarmos em Deus, juntos seremos uma igreja ansiosa, e uma igreja ansiosa não é uma igreja atractiva e bem sucedida.

Quando Lucas contou a história dos talentos, ele fez uma ligação íntima en-



tre a atitude do terceiro homem e a rejeição do seu Rei pelo povo judeu. Os discípulos primitivos ouviram claramente nesta história um aviso oportuno aos judeus acerca do que aconteceria se eles tivessem medo de aceitar a nova luz que Jesus trouxera.

A parábola era uma advertência, não somente para indivíduos, mas para grupos de pessoas, acerca do que poderia acontecer àqueles que não usassem os dons e discernimento que lhes tivessem sido dados. Como Jesus disse: «Ao que não tiver, até o que tem lhe será tirado» (Lucas 19:26). A parábola ensina que tanto grupos como indivíduos serão considerados responsáveis pelos dons que lhes foram dados.

---

### **A parábola desafia-nos a olhar para a nossa imagem de Deus e os Seus dons a nós outorgados.**

---

Ao considerarmos esta parábola, podemos perguntar: Que dons tem Deus dado à Igreja Adventista do Sétimo Dia, como um todo e na nossa área local? Que estamos a fazer com o discernimento acerca da verdade presente que foi dado à nossa igreja? E a nível local, que estamos a fazer com os talentos dos nossos homens e mulheres? Como estamos a integrar os talentos das minorias dentro da nossa igreja? Estamos tão receosos de integrar certos talentos que os enterramos? Talvez seja útil perguntar: Sentem todos aqueles que aqui estão reunidos que os seus talentos estão a ser totalmente usados? Se não, porque não? Quais são os nossos temores em usar os nossos talentos, e como devemos lidar com esses temores?

Essa é, sem dúvida, a questão básica. O temor de Deus do terceiro homem existe em todos nós. É o sinal da nossa herança como filhos e filhas de Adão, que ouviu a voz de Deus e teve medo. O medo é um importante sinal de aviso, pois «o amor não é perfeito em ninguém que tem medo» (1 João 4:18, TEV). Mas nós não precisamos de permanecer num estado de medo. As boas novas da Bíblia é que o amor po-

de ser «feito perfeito em nós a fim de termos coragem no dia do Juízo» (Versículo 17, TEV).

#### **Renunciar à nossa Imagem**

A vida e a morte de Jesus Cristo oferece-nos a oportunidade de renunciar à nossa imagem de Deus como juiz arbitrário e rei exigente. Em vez disso, podemos aceitar a imagem de Deus como um Pai amoroso e criador, um Amigo generoso e abnegado, um Salvador pessoal. Mas aprender a ver e conhecer Deus como um Amigo é um processo individual de toda a vida.

Às vezes pode parecer uma luta. Como a criação de qualquer relação válida, ela requer compromisso e viagens por caminhos ásperos. Arregimentados contra nós estão as companhias do maligno, que sabe que quando deixamos de ter medo de Deus e começamos honestamente a confiar n'Ele, o reino do mal acaba. Mas ao aprendermos a conhecer a Deus por nós mesmos, o nosso medo diminui. Experimentaremos «amor perfeito» que «lança fora todo o temor» (Versículo 18, TEV).

Saberemos que estamos nas mãos de Deus. E não conseguiremos esconder esta nova percepção. Não haverá necessidade de representações da parábola dos talentos. As nossas vidas revelarão a história do nosso Deus e as Suas boas dádivas.

#### **Perguntas para Reflexão:**

1. Que diríamos que representa a acção do terceiro homem?
2. Que temores temos ao usar os talentos que Deus nos deu?
3. Podem os nossos temores, em integrar outros no ministério, ser uma representação das acções do terceiro homem?



*Helen Pearson ensina inglês no Colégio de Newbold, em Berkshire, Inglaterra.*

---

Terça-feira, 24 de Novembro

# **Requer-se a Honra da sua Presença**

*A Parábola do Banquete Nupcial*

---

Por Frank B. Holbrook

---

*Escritura: Mateus 22:1-14*

**N**inguém testemunha o casamento! O banquete do casamento está pronto! Os convidados recusam-se a vir! Violência — assassinio, mobilização de tropas, uma cidade incendiada! Convites repetidos! Um convidado — amarrado de pés e mãos — ejetado da sala do banquete de casamento! Elementos espantosos na última

parábola de Cristo dirigida aos judeus.

Terça-feira, três dias antes da crucificação, Jesus visitou uma vez mais os recintos do Templo. As interrupções do comércio do Templo na segunda-feira ainda irritavam os sacerdotes e anciãos. Eles abordaram-n'O, enquanto caminhava no pátio, conversando com o povo: «Com que autoridade fazes isto? E quem te deu tal autoridade?» (Mat. 21:23).

## Uma Alegoria

Jesus respondeu com três parábolas: os dois filhos, os lavradores maus e o banquete nupcial (Mat. 21:23 — 22:14). Designadas como parábolas (histórias curtas que ilustram um único ponto), estas três são mais parecidas com alegorias — onde os pormenores figurativamente têm paralelo com acontecimentos na vida real. A intenção de Cristo era clara, e os dirigentes judeus viram-se a si mesmos claramente retratados.

A parábola dos dois filhos expôs a sua descrença, cuidadosamente ocultada, do apelo de Deus para se arrependem quando João Baptista anunciou o aparecimento do Messias. Na dos lavradores maus viram as suas mãos levantadas para assassinar esse Messias. Finalmente, na alegoria das bodas do casamento, a qual este estudo focará, eles perceberam a sua obstinada rejeição da graça salvadora de Deus, tornada acessível mediante esse mesmo Messias.

### Significado Histórico

O reino de Céu (o reino espiritual do governo de Deus), disse Jesus, pode ser comparado a um rei que fez o «casamento» do seu filho. Enquanto se prepara a festa, mensageiros chamam os convidados anteriormente notificados (Mat. 22:1-3). A alegoria é clara: O rei representa Deus; o filho, o Messias. O casamento, a encarnação de Deus o Filho. A união das naturezas humana e divina numa Pessoa, Jesus Cristo, torna possível o banquete nupcial. A encarnação é a pedra angular de todo o edifício da salvação. «E, sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade» exclama Paulo. «Deus foi manifesto na carne» (I Tim. 3:16).

Os convidados são os judeus, súbditos do rei (Mat. 22:3). A antiga promessa de um Redentor vindouro (Gén. 3:15), Israel entesourara-a como a sua única esperança. Jesus declarou: «Abraão exultou por ver o meu dia, e viu-o, e alegrou-se» (João 8:56). O apavorado patriarca, ao substituir Isaac no altar, pelo cordeiro encontrado preso no mato ali perto, compreendeu como nunca antes como o Messias remiria a todos os pecadores pela Sua morte substituta. E alegrou-se!

Uma vez que o «casamento» é um mistério para além da compreensão humana, a ênfase de Jesus é sobre o ban-

quete — as provisões do evangelho tornadas possíveis pela encarnação. João Baptista, os discípulos de Jesus — os doze e os setenta — e o próprio Jesus foram os mensageiros que anunciaram as boas novas no primeiro convite a Israel. Grandes multidões surgiram para ouvir tanto João como Jesus e os Seus discípulos, mas o movimento fracassou em grande medida. Como Jesus disse: «Eles não quiseram vir» (Mat. 22:3, literalmente).

Mas o rei não quer ficar privado do prazer de ter presentes os seus convidados, e por isso envia um segundo convite. Desta vez o anúncio chega através dos doze cheios do Espírito Santo e dos seus associados cristãos (versículo 4). O anúncio do rei salienta que o banquete está pronto. «Os meus bois e cevados já mortos». O foco nos animais mortos e a conclusão da preparação podem aludir ao Calvário. A morte expiatória de Cristo confirmou todas as promessas do concerto da graça, mudando a base da salvação duma promessa para uma realidade (Rom. 15:8; Heb. 9:26).

Muitos judeus rejeitaram simplesmente esta grande oportunidade de salvação — estando preocupados com os cuidados desta vida (a quinta; a angariação de comida) e a pressão para ganhar riqueza material (comércio, transacções). Mas o humor de outros tornou-se obstinado. Os mensageiros do rei foram maltratados; alguns foram mortos (versículo 6). Jesus predisse, desta maneira, os açoitamentos, o martírio e a perseguição dos cristãos primitivos, às mãos dos seus irmãos a quem procuraram levar o evangelho.

### Rejeição e Ruína

A afronta aberta a ambos os convites — com efeito, a rejeição do rei e do seu filho — resultaram na ruína e destruição da nação, representadas pelas ordens do rei para queimar a cidade e destruir os seus habitantes (versículo 7). O Judaísmo, como corporação, perdeu a sua posição como instrumento escolhido por Deus. A sua tarefa foi conferida a outro, a igreja cristã — o Israel espiritual (Mat. 21:43; I Pedro 2:9,10), composto por judeus individuais e gentios crentes em Jesus Cristo (Gál. 3:27-29; 6:15,16).

Uma vez que o banquete continua pronto, o rei emite uma nova série de ordens. Os servos devem procurar pessoas que vivem para além dos limites

da cidade (agora queimada) — através dos caminhos e atalhos do país — e convidá-las a virem de imediato para o banquete. Estes são os gentios, súbditos também do reino (Actos 14:15-17), mas em grande parte despercebidos do prometido Messias e das provisões do evangelho. Desta vez os mensageiros são bem sucedidos. Descobrem muitas pessoas que atendem ao convite gracioso do rei (Mat. 22:10).

O terceiro convite do rei é o que os cristãos conhecem como a comissão evangélica: «Ide, portanto, e fazei discípulos de todas as nações, baptizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo» (Mat. 28.19, RSV). Essa comissão nunca foi rescindida. Na linguagem original a frase sugere que a intenção da ordem do rei foi «Ide, vez após vez», até que a sala do banquete esteja cheia (Mat. 22:9). Nessa ordem breve, Jesus cobriu toda a Era Cristã. A sala do banquete, cheia de convidados, representa a igreja, a comunhão dos crentes. Até que termine o tempo da graça, a ordem do Rei aos Seus servos é (em termos modernos): «Evangelizai!»

### O Juízo Final

Mas uma nota funesta é emitida juntamente com o bem sucedido recrutamento dos servos: Eles «juntaram todos quantos encontraram, tanto bons como maus; e a sala do banquete encheu-se de convidados» (Mat. 22:10, RSV).

Esta é a terceira parábola (das que Mateus regista) nas quais Jesus saliente o facto de que a igreja militante é uma mistura de bons e maus, de genuínos e insinceros. Tal situação requer, finalmente, um processo de separação: o joio deve ser separado do trigo (Mat. 13:41,42), os peixes bons da rede devem ser separados dos ruins (Versículos 47-50), o homem indevidamente vestido no banquete deve ser separado dos que estiverem devidamente vestidos (Mat. 22:10-13). A igreja atrai e retém tanto bons como maus.

Agora a alegoria toma uma feição repentina e inesperada. Os convidados (literalmente, «reclinados», «recostados») estão a descansar nas suas poltronas, esperando que o rei tome o seu lugar e o banquete comece.

Abre-me uma porta e o rei entra «para ver» os seus convidados. O verbo «ver» contém também a ideia de «revisitar», «inspeccionar», como um ge-

neral costuma revistar as suas tropas. É um «olhar» perscrutador, contemplativo, avaliador.

Jesus está a descrever, em termos alegóricos, o juízo final. Isto é evidenciado pela maneira como o homem, indevidamente vestido, é excluído da sala do banquete (amarrado de pés e mãos). É também evidenciado pelo uso das expressões «trevas exteriores» e «choro e ranger de dentes» (versículo 13). Ambas as frases aparecem algures na Escritura em conexão com a condenação dos maus no juízo final (cf. Mat. 8:11,12; 13:39-42, 47-50; 24:50,51; 25:29,30).

### O Vestido Correcto

A ênfase agora muda da resposta certa ao convite para preparação apropriada para o banquete. Jesus não explica a figura do «vestido nupcial». A chave bíblica para a sua identificação, todavia, pode encontrar-se numa palavra usada para descrever a descoberta do rei do convidado indevidamente vestido. Mateus 12:11 diz literalmente: «Um homem não se tendo vestido a si mesmo com um vestido nupcial.»

A ideia de descrever um carácter, aceitável ou não aceitável, sob a figura de vestuário, tem a sua raiz no Velho Testamento. «E o anjo disse: 'Tirai-lhe os vestidos sujos [Josué, o sumo sacerdote, representava os judeus do pós-exílio].' E a ele disse-lhe: 'Eis que eu retirei de ti a tua iniquidade e vestirei-te com ricos vestidos'» (Zac. 3:4, RSV). Semelhantemente, Isaías regista o regozijo de Sião: «Ele vestiu-me com os vestidos da salvação, ele cobriu-me com o manto da justiça» (Isa. 61:10, RSV).

Usando o mesmo termo (vestir-se a si mesmo), o apóstolo Paulo diz: «Pois todos vós que fostes baptizados em Cristo *tende-vos vestido com Cristo*» (Gál. 3:27, NASB). Que significa ser «vestido com Cristo»? Entre outras coisas, isso denota que a união dos verdadeiros crentes é tão íntima que pensamos e agimos como Jesus pensaria e agiria. O recipiente deste «manto» é o recebedor da justiça de Cristo, tanto imputada como uma dádiva, como comunicada pela Sua graça transformadora (I Cor. 1:30).

Como o anjo anunciou no revestir de Josué, o sumo sacerdote, há um processo de dois sentidos em aþrontar-se para o banquete do rei. Há um despir do «velho homem», ou «a velha natu-

reza com os seus feitos», e o vestir de si mesmo com «o novo homem» — a nova natureza convertida (cf. Efés. 4:22-24; Rom. 13:13,14; Col. 3:5-11).

Quando o pecador vem a Deus, com arrependimento e confissão dos seus pecados, e pela fé aceita a Cristo como seu Salvador e Senhor, ele é graciosamente perdoado e vestido em Cristo — a Sua justiça. E nesse «vestido», esse laço de união, ele continua no processo transformador da graça.

«Então», apela o apóstolo, «*vesti os vestidos* que são apropriados *ao povo escolhido de Deus*, a sua propriedade, os Seus amados: compaixão, amabilidade, humildade, gentileza, paciência. Sede pacientes uns com os outros, e perdoadores, onde algum de vós tenha razão para queixar-se: deveis perdoar como o Senhor vos perdoou. Acima de tudo, deve haver amor, para unir a todos e completar o todo» (Col. 3:12-14, NEB; cf. Apoc. 19:8).

O banquete nupcial ainda permanece pronto! Os convidados ainda continuam a ser congregados na sala da igreja pela pregação mundial do evangelho eterno (Apoc. 14:6). De acordo com as

profecias, nós estamos agora a viver no tempo da revista do Rei aos convidados registados no livro de «convidados» da vida (Dan. 7-9; Apoc. 14:6,7). Respondestes ao convite que requer «a honra da sua presença»? Estais preparados para o banquete, vestidos com o «vestido certo»? «Porque muitos são chamados», conclui Jesus, «mas poucos são *escolhidos*» (Mat. 22:14).

### Perguntas para Reflexão:

1. Onde estamos inseridos na parábola da «festa de casamento»?
2. Como nos podemos «aprontar» para a festa?
3. Gosta da ideia da inspecção do rei aos seus convidados ser comparada ao juízo final? Porquê?



Frank B. Holbrook reformou-se recentemente do Instituto Bíblico de Pesquisa da Conferência Geral e agora vive em Dalton, Geórgia.

Quarta-feira, 25 de Novembro

# Crescendo, Expandindo, Servindo

## A Parábola do Fermento

Por Janet Leigh Kangas

Escritura: Mateus 13:33

Fabricadores automáticos de pão são a comodidade mais recente para donas de casa, especialmente as que têm de combinar o trabalho do emprego com o de casa. Uma pessoa só precisa de colocar os ingredientes no canistrel metálico redondo, na posição vertical,

decidir quando quer o pão fresco e marcar as horas necessárias no programador para começar o processo de fabricar o pão.

À hora designada a admirável máquina começa a girar o seu pequeno rotor no fundo do canistrel (semelhante a uma lâmina de misturador), a fim de misturar e amassar o pão. Depois pára

para deixar levedar o pão. O «cérebro» da máquina informa o rotor quando deve começar de novo a girar para a segunda amassadela. Quando a massa tiver levedado uma vez mais, o «cérebro» informa o forno para iniciar a sua participação, e mais tarde fecha automaticamente, terminando todo o processo. Se se quiser saborear pão fresco ao pequeno almoço, o fabrico deve começar durante a noite, e então só é preciso retirar o pão do canistrel de cozer e remover o pequeno rotor do fundo do pão já feito.

Mas o segredo para todo este processo é a acção levedora do fermento. Se não fosse a acção do fermento, a farinha, os líquidos e os temperos cozeriam um pão não levedado, de massa pesada. E uma vez que a maior parte de nós prefere um pão mais leve (levedado), podemos compreender a razão por que o Salvador Se referiu ao fermento para ilustrar a «assimilação do poder vivificador da graça de Deus».<sup>1</sup> O fermento é poder elevador.

## Dois fermentos

A palavra «fermento», todavia, originou-se no Velho Testamento com um significado oposto, significado esse que perdurou até ao tempo de Jesus, pois Ele advertiu contra o fermento dos Fariseus e Saduceus (Mat. 16:6). No Velho Testamento, o fermento é um símbolo de corrupção espiritual — o fermento da maldade. Ficamos naturalmente surpreendidos por *Jesus usar o fermento — um símbolo comum de maldade — para representar o reino dos Céus?*

Baseado na «assimilação do poder vivificador» do fermento, a intenção de Jesus pode ter sido a de contrastar um poder com o outro e revelar que não necessitamos de nos render ao poder pecaminoso tão inerente em nós. Esse poder pode ser extinto, tão completamente como os Israelitas se desembaraçavam de todo o fermento nas suas casas antes da semana da Páscoa, e ser substituído pelo fermento do reino.

De acordo com isto, Paulo escreveu: «Alimpai-vos, pois, do fermento velho, para que sejais uma nova massa, assim como estais sem fermento. Porque Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós. Pelo que façamos festa, não com o fermento velho, nem com o fermento da maldade e da malícia, mas com os asmos da sinceridade e da verdade» (I Cor. 5:7,8).

Notem que o fermento velho deve ser *posto fora*. Então entra Cristo com uma ilustração do fermento novo: «O reino dos Céus é semelhante ao fermento» (Mat. 13:33). Os dois fermentos, velho e novo, não podem crescer juntos. Não, eles são uma experiência de «fim do fim», um precedendo o outro, terminando o velho onde começa o novo.<sup>2</sup>

Examinemos o «fermento novo». Ellen White descreve o seu efeito no indivíduo: «Recebido no coração, o fermento da verdade regulará os desejos, purificará os pensamentos e suavizará a disposição. Vivifica as faculdades da mente e as energias da alma. Expande a capacidade para sentir e amar.»<sup>3</sup>

Esta força vitalizadora, contudo, mal pode ser contida dentro dos indivíduos. Como os vapores no fermento que fazem expandir bolhas de ar no pão, o fermento celestial borbulha de corações cheios para permear outros. Assim «o reino dos céus é semelhante ao fermento», e as suas boas novas começam a crescer dentro dos nossos próprios corações. Isto explica a proclamação de Lucas: «O reino de Deus está dentro de vós» (Luc. 17:21).

Podemos ler acerca da natureza deste reino em Lucas 4:18. Consiste em pregar o evangelho aos pobres; curar os quebrantados de coração; pregar a liberdade aos cativos; dar vista aos cegos; pôr em liberdade os oprimidos. Este fermento celestial do reino de Deus (mensagem de libertação do pecado) expandir-se-á de dentro de nós através do mundo inteiro.

Agora quase podemos harmonizar o simbolismo dos dois fermentos. O primeiro uso, no Velho Testamento, simbolizava o *livramento* do fermento do poder de Satanás, enquanto que o novo uso simboliza a mensagem da graça para permear o mundo com o *livramento* do poder de Satanás.

## Libertação do Fermento

Várias vezes, na história da Terra, Deus libertou o fermento que devia impregnar o mundo. Primeiro, Ele enviou os israelitas do Egipto para glorificar o Deus do Céu perante o mundo antigo. A tentativa fracassou. Depois Jesus veio à Terra no tempo designado para morrer, iniciando o movimento cristão do Novo Testamento. A glória desse movimento desvaneceu-se finalmente durante a Idade das Trevas, isto é, a Idade Média. De novo Deus acti-

vou o fermento através da Reforma; mas esse movimento — embora extenso — não foi suficiente e completo nas suas reformas. Em 1844 o cronómetro de Deus, de acordo com a profecia, disparou o que nós cremos ser o tempo final. Os Milleritas foram chamados para levar o fermento do reino, a mensagem de libertação do poder de Satanás, ao mundo. Expandindo-se no movimento do Advento, as três trombetas começaram a soar, a segunda unindo-se à primeira, e depois à terceira, até agora em que todas as três vibram na Terra. Na década de 1970 os Adventistas podiam relatar que a mensagem tinha penetrado em 184 dos 215 países no mundo, oficialmente reconhecidos pelas Nações Unidas.

O brilho dessa imagem ofuscou-se, porém, quando apareceu o movimento de evangelização com o seu conceito de «grupo de pessoas», apontando o fracasso do mundo cristão. Há cerca de 12000 grupos de pessoas no mundo sem acesso a uma testemunha cristã ou a uma Bíblia na sua própria língua, relataram eles. Com efeito, o Cristianismo representa apenas cerca de 30 por cento da população mundial. (Os Adventistas afirmam possuir, aproximadamente, 6,7 milhões de membros, numa população mundial de 5,4 biliões, isto é, uma proporção de 1 para 800).

Em 1986 no Conselho do Outono, no Rio de Janeiro, os dirigentes Adventistas determinaram o seu próprio método de calcular a «terra que ainda restava» por penetrar com o fermento celestial. O mundo foi dividido em 5500 unidades geográficas de aproximadamente um milhão de habitantes. Estas unidades de um milhão foram depois examinadas para determinar a extensão do fermento da presença Adventista ou a falta dele. O fermento Adventista foi encontrado em quase 3200 destas unidades. Isto deixa-nos cerca de 2300 unidades de um milhão de habitantes onde não temos o fermento a trabalhar.

Onde se encontram elas? Aqui estão os «cinco grandes» desafios que ainda precisam de ser alcançados com a vitalidade do fermento. A China tem 900 dessas unidades de um milhão, não penetradas; o Norte da Índia, 350; o Médio Oriente, 223; as duas Divisões Europeias (incluindo os seus territórios missionários no Norte de África, Paquistão e Afeganistão), 202; e a Ásia Central (ex-URSS), 83.<sup>4</sup>

Os números são absolutos e impará-

veis — mesmo gélidos. A matemática simples derrota-nos. A população mundial aumenta a um ritmo de 330000 por dia. Os membros da Igreja Adventista aumentam em menos de 2000 por dia.

### Respostas Humanas

Respondermos «nós obteremos o dinheiro e terminaremos a obra» é tão humanamente ingénuo como a promessa dos Israelitas: «Tudo o que o Senhor tem falado, faremos» (Êxodo 19:8). O primeiro passo na recuperação da missão é admitir que a obra transcende a nossa capacidade humana.

Isto requer que *nos* volvamos — com esse fermento a levedar e a borbulhar nos nossos próprios corações — para o Espírito, orando entretanto pelo poder da chuva serôdia do Espírito. A irmã White foi muito específica sobre o que devemos orar ao pedirmos que a chuva serôdia penetre nos nossos vasos:

1. «Que a luz do anjo glorioso, que se une ao terceiro, brilhe sobre mim;
2. Dá-me uma parte no trabalho;
3. Que eu faça soar a proclamação;
4. Que eu seja um(a) colaborador(a) de Jesus Cristo.»<sup>5</sup>

Estes quatro pontos de oração todos se centram em infiltrar o mundo. «Ser-nos-á confiado o Espírito Santo», disse Ellen White «de acordo com a nossa capacidade para O receber e a nossa aptidão para O comunicar a outros.»<sup>6</sup>

### E depois?

Se o cronómetro de Deus libertou, na Verdade, o fermento do reino para o mundo, pelo menos nas quatro vezes acima mencionadas, então porque tem havido apenas êxito parcial quando o fermento é uma força permeável tão poderosa?

A minha crença pessoal é que embora o fermento tenha sido colocado e misturado dentro do corpo da igreja de Deus, ele tem de ser vitalizado pelo Espírito Santo antes de poder entrar em acção. Para que isto aconteça connosco, como povo, precisamos de um reavivamento da verdadeira piedade, que, diz a irmã White, deve ser «o nosso primeiro trabalho».<sup>7</sup> Entretanto, Deus continua a dar-nos potencial que não usamos (capacidade a que falta poder).

Se o povo de Deus não se levantar

e experimentar o necessário reavivamento, que acontecerá então? Há um ponto para além do qual Deus não deixará o trabalho connosco. O trabalho que poderíamos ter tido a bênção de realizar será feito pelos anjos.<sup>8</sup>

E uma vez mais, como no tempo do Pentecostes, «a espada do Espírito, novamente afiada com poder e banhada nos clarões do Céu», *abrirá caminho «através da incredulidade»*.<sup>9</sup>

E ver-se-á que Deus está a tomar as rédeas nas Suas próprias mãos.<sup>10</sup> Olhando para a Europa Ocidental e Ásia Central, não é o que estamos a ver agora? E o mesmo Poder que abriu caminho através do Comunismo pode igualmente, com a mesma facilidade, abrir caminho através da incredulidade do Budismo, do Hinduismo e dos países islâmicos. Concordam?

Lembrem-se de Romanos 9:28: «Porque o Senhor executará a Sua palavra sobre a Terra, completando-a e abreviando-a.» E nós sabemos que Deus pode até fazer com que as rochas proclamem o evangelho. Mas podemos esperar nós mesmos as bênçãos da vida eterna de concluir a obra, esquecidos do fermento que Ele nos tem dado?

A resposta é pedir o poder do Espírito Santo — primeiro para nos capacitar a preencher as condições da chuva temporã (confissão, humilhação, arrependimento e oração fervorosa);<sup>11</sup> e segundo, preparar-nos para a chuva serôdia. Para recebermos esta dupla bênção do Espírito, fomos instruídos «a *buscá-l'O*, a *orar* por Ele e *crer* n'Ele». <sup>12</sup> E não é tudo isso o que é a Semana da Oração?

### Perguntas para Reflexão:

1. No Velho Testamento, o fermento era um símbolo do pecado. Porque o usou então Jesus para ilustrar o crescimento do Seu reino?
2. Que quatro acontecimentos identifica a autora com a entrega do fermento espiritual ao mundo? Qual é a sua reacção ao argumento que ela desenvolve sobre este tema?
3. Como nos ajuda a parábola do fermento a compreender o cumprimento da grande comissão?

1. *Parábolas de Jesus*, pg. 96.

2. Ver o *Expositor's Bible* sobre I Cor. 5:7, 8.

3. *Parábolas de Jesus*, pg. 101.

4. Números fornecidos por Charles Taylor, estatístico da missão mundial da Conferência Geral.

5. *The Upward Look*, pg. 283.

6. Ellen G. White, carta 54, 1894.

7. *Mensagens Escolhidas*, livro 1, pg. 121 (Itálicos supridos).

8. *Ibidem*, pg. 118.

9. *Actos dos Apóstolos*, pg. 38, (Itálicos supridos).

10. *Testemunhos para Ministros*, pg. 300.

11. *Mensagens Escolhidas*, livro 1, pg. 121.

12. *Evangelismo*, pg. 701. (Itálicos supridos).



Janet Leigh Kangas é editora da revista Mission.

No Sábado, dia 28,  
será levantada a Oferta  
da Semana de Oração  
e Sacrifício



Quinta-feira, 26 de Novembro

# A Igreja — Porque não é ela Perfeita?

*A Parábola do Joio*

Por Joel N. Musvosvi

*Escritura: Mateus 13:24-30*

No começo do ministério de Jesus, as multidões seguiam-n'O entusiasmadas. O primeiro ano dos seus labores é frequentemente referido como o ano da popularidade. Mas durante o segundo ano do Seu ministério, a abertura para com os Seus ensinamentos começou a mudar gradualmente para uma atitude de crescente oposição, particularmente por parte dos dirigentes judeus, que influenciavam o povo para a incredulidade.

Esta mudança de atitude levou Jesus a modificar o Seu método de ensino e a fazer uso crescente de parábolas. Desta maneira, Ele podia clarificar a mensagem para com os Seus verdadeiros discípulos, enquanto que, por outro lado, provia-lhe protecção dos inimigos que agora perseguiram ferozmente os Seus passos.

A palavra «parábola» significa um pensamento colocado ao lado de outro com o propósito de comparar; é uma verdade espiritual vestida na roupagem comum. Jesus usava frequentemente parábolas para comunicar verdades difíceis que normalmente ocasionavam resistência. Fazemos bem, por conseguinte, em descobrir o contexto imediato em que a parábola foi dita, a fim de compreendermos e apreciarmos a verdade central que Jesus pretendeu ensinar.

Em Mateus 13 Jesus contou a parábola de um homem que semeou trigo no seu campo. Durante a noite um inimigo semeou joio nesse mesmo campo. A princípio o trigo e o joio pareciam iguais, até que as espigas come-

çaram a mostrar-se. Os servos, ao descobrirem o joio no meio do trigo, contaram ao seu senhor, o qual identificou o joio como sendo o trabalho de um inimigo. Os servos perguntaram se deveriam ir arrancá-lo, mas o senhor objectou com o fim de beneficiar o trigo, que poderia ser danificado no processo. Que história — tão simples e todavia tão profunda!

## O Tema do Grande Conflito

Helmut Thielicke, o bem conhecido teólogo e pastor alemão, no seu livro *The Waiting Father*, escreveu: «Esta parábola fala de uma ameaça escura, um poder misterioso que está a operar em toda a parte.»<sup>1</sup> E ele continua e diz que este poder escuro não está limitado aos centros da maldade, mas opera também nos concílios dos bispos, nos gabinetes de estudo dos teólogos e nos púlpitos.

Nesta parábola Jesus descreve claramente o tema do grande conflito, revelando dois poderes em operação no nosso mundo.

Na Sua interpretação, Jesus disse: «O campo é o mundo.» Neste drama cósmico encontramos dois poderes afirmando a sua influência para controlar o mundo: Cristo e Satanás. Cada ser humano nasce num campo de batalha e, necessariamente, torna-se participante no conflito. Cada acção da nossa parte lança o seu peso num ou noutro lado do conflito.

A batalha é travada tanto no nível cósmico como no pessoal, com a mente humana a servir de campo de batalha. Ellen White afirma que a maior de todas as batalhas é travada no coração hu-

mano (Ver *Aos Pés de Cristo*, p. 43). Por conseguinte, não ousemos viver como se tudo estivesse calmo e em paz, pois todo o universo está em pé de guerra.

A parábola apresenta Jesus como o dono de um campo que semeia trigo em pleno dia. Deus não tem nada a esconder. Ele até Se revela a Si mesmo ao escrutínio das Suas criaturas, operando um sistema aberto de comunicação.

Ele semeia boa semente, pois «toda a boa dádiva e todo o dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação» (Tiago 1:17). De acordo com a Sua própria interpretação, o trigo representa os filhos do reino (Mat. 13:38). Em Isaías 61:3, eles são referidos como «carvalhos de justiça, a plantação do Senhor», cujo propósito é viver de modo 'que Ele seja glorificado'. Os filhos de Deus nestes últimos dias devem demonstrar uma obediência radical que revele que são impelidos por um poder mais elevado, a poderosa graça de Deus.

## Um transgressor

«Mas, dormindo os homens, veio o seu inimigo, e semeou joio no meio do trigo, e retirou-se» (Mat. 13:25). Aqui está o poder das trevas. Satanás semeia durante a noite; ele não ousa revelar as suas obras à luz do dia. Através de engano, da informação distorcida e de meias-verdades, ele semeia uma colheita de destruição nas vidas de homens e mulheres. O príncipe das trevas tem amaldiçoado o mundo e leva-o para a perdição.

Eles semeiam duas espécies de sementes — trigo e joio — usando dois tempos para a sementeira: o dia e a noite. Um semeia para prover uma colheita, o outro para impedir a colheita. E por fim a colheita enfrenta dois destinos: o celeiro e o fogo.

Estes contrastes apresentam as marcas dos dois reinos. O semeador do joio não é dono do campo; ele age apenas por malícia. A fonte do mal no nosso mundo não é a ignorância, a fraqueza ou a imperfeição. Não. Jesus diz: «Um inimigo é quem fez isso» (Versículo 28).

Notem que a estratégia do inimigo é semear joio, plantas daninhas que se assemelham muito ao trigo. Satanás trabalha por imitação. A vereda do erro encontra-se tão perto da vereda da verdade que uma pessoa pode supôr que

está a andar numa, quando na realidade está a andar na outra. Assim, durante o primeiro século do cristianismo, o zelo levou a igreja a conquistar o mundo, mas nos séculos que se seguiram, um espírito de compromisso levou o mundo a conquistar a igreja.

Embora o trigo e o joio sejam muito parecidos na aparência, eles são tão diferentes no seu fruto como no tempo da sua sementeira — dia e noite. Modificações externas não operam regeneração. Educação, cultura e o exercício da vontade «podem produzir um comportamento correcto exterior, mas não podem mudar o coração; não podem purificar as fontes da vida. Deve haver um poder a operar de dentro, uma nova vida de cima, antes de os homens poderem ser mudados do pecado para a santidade.»<sup>2</sup>

Os servos na parábola perguntaram ao seu senhor se deveriam arrancar o joio. O senhor restringiu-os, a fim de evitar que no seu zelo em arrancar o joio arrancassem também trigo. A estratégia de Cristo é esperar até à colheita.

Através da história do grande conflito, Deus tem longamente suportado o mal. Ele tem um propósito na aparente demora. A paciência divina busca dar oportunidade para o arrependimento e a transformação. Por outro lado, Deus deseja dar oportunidade aos princípios do mal para amadurecerem e se tornarem evidentes por si mesmos. O pecado deve ser visto por todos como excessivamente destrutivo. Somente então Deus efectuará a sua permanente erradicação do universo.

### O Único Purificador

Durante o terceiro e quarto séculos, os Donatistas, um grupo super-zeloso pela pureza da igreja, tentaram purificá-la removendo dela todo o hipócrita. Excomungaram todo o pecador identificável. Mas isso apenas causou divisão, e não reforma. Tentar purificar a igreja mediante meios humanos é fútil. O Espírito Santo é o agente divinamente designado para purificar a igreja.

O Senhor disse: «Deixai crescer ambos, juntos, até à ceifa» (Mat. 13:30). Em todos os tempos coexistiram o genuíno e o falso.

Confrontado com este problema do bem e do mal na igreja, Martinho Lutero desenvolveu o conceito duma pequena igreja dentro duma maior. Os verdadeiros e fiéis habitam no meio dos

inconversos. Lutero referiu-se a este primeiro grupo como a igreja invisível dentro da visível, composta pelos verdadeiros de coração, que são apenas conhecidos por Deus.

É invisível porque os olhos humanos não podem determinar quem pertence a ela. Jesus referiu-Se a estes quando disse: «Então, estando dois no campo, será levado um e deixado o outro. Estando duas moendo no moinho, será levada uma e deixada outra» (Mat. 24:40-41).

Nestes últimos dias, que nos diz Jesus nesta parábola? Já vimos como o inimigo trabalha por imitação. Ao tentar o nosso Senhor, Satanás apareceu-Lhe como um anjo de luz. Mas Jesus venceu-o mediante um conhecimento claro da vontade do Pai.

No drama final da redenção, o diabo personificará a Cristo a fim de enganar o mundo. O nosso Salvador advertiu que o engano se parecerá tanto com a verdade que até mesmo os eleitos precisam de estar em guarda (versículo 24).

Satanás imitará a doutrina e o estilo de vida. A nossa única salvaguarda é termos um conhecimento pessoal da Palavra de Deus e uma conexão viva com

o Mestre. Uma religião teórica de nada vale a este respeito. Conhecimento em segunda mão provar-se-á inadequado. Precisamos de estudar a Palavra com nunca antes.

O grande conflito está prestes a encerrar-se. A colheita será então recolhida. Trigo ou joio — a escolha é nossa.

### Perguntas para Reflexão:

1. Que nos diz o uso de parábolas por parte de Cristo acerca de como devemos apresentar o evangelho?
2. Como ilustra esta parábola o tema do grande conflito?
3. A história do trigo e do joio diz-nos alguma coisa acerca de como lidar com o pecado na igreja? O quê?

1. Helmut Thielicke, *The Waiting Father*, (New York: Harper and Brothers, 1959), p. 72.

2. *Aos Pés de Cristo*, pg. 18.



Joel N. Musvosvi trabalha como assistente de relações públicas no Colégio de Solusi, em Bulawayo, Zimbabwe, África.

Sexta-feira, 27 de Novembro

# Em Grande Ansiedade enquanto aguardamos o Advento

## *A Parábola das Dez Virgens*

Por Mike Ryan

*Escritura: Mateus 25:1-13*

Les aí vão, marchando um a um. Oh, quão belos parecem com os seus uniformes azuis e vermelhos! As suas botas de cano alto, com caneleiras a condizer com os chapéus de penas. As suas metralhadoras ao ombro,

na posição exacta. Os tambores que soam a cadência. A imagem está completa. O sonho pode começar. Actos de heróica bravura inundam a cena; o fumo e o ruído das armas enchem o campo de batalha, grandes visões de trabalho e luta começam agora a encher a mente do rapazinho que fora arreba-

tado pela magia dos soldados de brincar.

Os soldados são o foco de imaginação do rapaz, os actores principais, as super-estrelas que ele escolheu para representarem o drama. A representação do rapazinho não causa alarme algum, pois o grande conflito que tão rudemente separou vencedores de vencidos, tornara-se tão somente uma débil lembrança, e a magia dos pequenos soldados-brinquedo somente imaginária.

## O Verdadeiro Conflito

O povo de Deus está envolvido num conflito — um conflito que em breve separará os vencedores dos vencidos. O ministério terrestre de Cristo focou o reino vindouro. Numa das Suas mais arrebatadoras histórias sobre o reino, Cristo escolheu dez virgens para serem as actrizes principais no drama do conflito. As virgens formam o foco da história, as actrizes especialmente escolhidas por Cristo para provocarem um senso de urgência. Ele desejava mudar em realidade aquilo que parecia distante e imaginário.

Cristo nunca pretendeu que elas se tornassem virgens de estanho, peneiradas nas areias do tempo até que se tornassem brinquedos simbólicos numa história imaginária, confinada às mentes de pequenos cristãos. Ele desejava que fossem dez virgens, guerreiras no maior conflito dos séculos, vivas e respirando, aguardando um reino real e prestes a vir.

Na parábola das dez virgens (Mat. 25:1-13), Cristo descreve a breve vinda do reino como um noivo a caminho da sua festa nupcial. A urgência subscrita é que Jesus vai vir outra vez, o reino aproxima-se. Desde o começo da história o foco está nas dez virgens. O versículo 2 descreve-as como cinco virgens sábias e cinco loucas. Elas aguardam, nas trevas, para irem com o noivo para a festa nupcial. Cristo não deixa à especulação o que distingue as sábias das loucas. Logo no início da história, revela que a única diferença que distingue umas das outras é o azeite que umas se lembraram de levar e outras esqueceram. Houve aquelas que compraram azeite para as suas lâmpadas e outras que se esqueceram de o comprar.

A história continua. Todas as virgens adormeceram. E à meia-noite o noivo chegou. Cinco acenderam as suas lâmpadas e foram com o noivo e as outras cinco correram freneticamente a comprar o azeite que não podiam pedir emprestado. O noivo partiu com aquelas que emitiam luz na escuridão, o casamento começa e a porta fecha-se. As cinco virgens loucas depressa descobriram que a meia-noite não é a hora apropriada para comprar azeite. As lojas estavam fechadas, e as suas lâmpadas continuavam apagadas. Todavia, querendo desesperadamente assistir à festa do casamento, um acontecimento que ocorre apenas uma vez na vida, correram para o lugar da festa, suplicando entrada. Mas ouviram o noivo a dizer: «Em verdade vos digo que vos não conheço.»

Por contraste, «as sábias levaram azeite nos seus vasos com as suas lâmpadas. Elas tinham recebido a graça de Deus, o poder regenerador e iluminador do Espírito Santo» (*O Grande Conflito*, pg. 394).

Uma questão crítica emerge da parábola. Como posso eu *comprar* o Espírito Santo? E como posso eu conhecer que estou cheio deste poderoso poder — que a minha vontade, os meus desejos, as minhas acções, não são minhas mas d'Aquele que me enche? Todas as outras questões se desvanecem em insignificância. A questão não é sobre se sou um monitor da Escola Sabatina, um diácono, um ancião — ou mesmo a quantia de dízimo que devolvo ao Senhor. A assistência à igreja, ser o coordenador da classe da Escola Sabatina ou o campeão da Campanha das Missões — nada disto poderia servir como substituto de estar cheio do Espírito Santo. Pois somente aqueles que estiverem cheios do Espírito Santo irão com Jesus para o Céu. Aqueles que não tiverem feito a necessária preparação, ou «comparado» o Espírito Santo, serão deixados atrás — esquecidos, perdidos em eterna escuridão.

## Comprando o Espírito Santo

Portanto, como posso comprar o Espírito Santo? A Bíblia não contém um livro de receitas minucioso, com uma receita indicando como obter este poder. Todavia, comprar o Espírito Santo não é um processo misterioso com uma fórmula conhecida apenas dos clérigos. A Bíblia refere-se ao Espírito Santo tanto como alguma coisa que precisa de ser comprada como algo que

constitui uma dádiva gratuita. Ambas as descrições estão correctas. O Espírito Santo é uma dádiva gratuita do Pai, enviado por Jesus, e não custa absolutamente nada. Todavia é requerido tudo para receber esta dádiva ou dom. Vamos considerar três passos simples para obter o Espírito Santo:

1. *Precisamos de dar-nos a nós mesmos.* Quando a Bíblia declara que o azeite precisa de ser comprado ela assume duas coisas. Primeira, o azeite tem valor; segunda, alguma coisa de valor deve ser dada para o receber. O que é que eu preciso de dar? Preciso de dar-me a mim mesmo. Preciso de abandonar todo o serviço para mim mesmo, confessar os meus pecados e descansar totalmente em Jesus.

Pensem isto comigo. As palavras de Jesus em João 16:7 são muito explícitas: «Se Eu não for, o Consolador não virá a vós.» Porque era tão importante que Jesus fosse? Que foi Jesus fazer? Ele foi para Se tornar o meu Advogado e Salvador (I João 2:1). Eu devo reconhecer e confessar a minha condição de desamparo, reconhecer a função celestial de Jesus e reclamá-l'O como a minha única esperança. O noivo, e não as virgens, detinha as chaves da porta.

2. *Precisamos de crer.* assim como as virgens podem ser para o leitor imaginárias ou reais, («tin», estanho; ou «ten», dez), assim pode o conhecimento artificial do sacrifício de Jesus, uma confissão mecânica e obras numerosas tomar o lugar da crença genuína de coração. Romanos 10:9 tem de ser uma das maiores passagens em toda a Bíblia: «Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo.»

3. *Precisamos de ter uma paixão pelas almas.* Actos 2:1 diz que no dia de Pentecostes, o dia do grande derramamento do Espírito Santo, os apóstolos estavam «todos de comum acordo». No grego, a palavra «acordo» derivou da raiz de duas palavras significando «correr lado a lado» e estar «em uníssono». Uma definição da palavra original grega descreve acordo deste modo: «com uma paixão». Para onde corriam lado a lado os apóstolos, em uníssono, com uma paixão? Actos 1:22, prevê a resposta: «Para ser conosco uma testemunha da Sua ressurreição.» Lembrem-se de que apenas alguns dias antes,



Jesus os havia comissionado a pregar as boas novas do reino. E na ascensão o anjo proclamara que Jesus iria vir outra vez. O noivo levou com ele aqueles que estavam a emitir luz na escuridão.

### A nossa condição

O maior acontecimento de todos os tempos está prestes a desenrolar-se. Jesus vai vir outra vez! Ele anseia e deseja que todos sejam encontrados como virgens sábias. A maior necessidade da igreja é possuir um povo que acredite que é vitorioso em Cristo, cheio do Espírito Santo, e esteja diligentemente a emitir luz na escuridão. O reino é vindo; qual é a condição do povo de Deus?

Apocalipse 3:14-17 descreve uma marcante diferença de opinião. A igreja considera-se a si mesma uma confortável e bela comodidade — rica, e possuindo tudo o que é possível. Deus descreve a Igreja como insonsa, desgraçada, miserável, pobre, cega e nua.

---

## O Espírito Santo é uma dádiva gratuita do Pai, enviado por Jesus.

---

Todas as dez virgens estavam a dormir enquanto aguardavam a chegada do noivo. Através dos séculos muitos têm perguntado porquê, porque estavam elas a dormir? Já alguma vez ocorreu a alguém o facto de elas poderem estar cansadas? As dez virgens eram pessoas muito ocupadas. Afinal de contas, não é coisa pequena casar e dar em casamento. Festa ruidosas, onde se condescende com o comer, o beber e os prazeres mundanos, são cansativas (Mat. 22:5). Comprar e vender (Mat. 22:5) e manter um modo de vida que acompanhe o da comunidade que nos rodeia, pode a breve trecho causar esgotamento emocional. Por outro lado, também se despende tempo a estudar o livro-guia e a pedir ao nosso melhor amigo, Jesus, informações acerca da loja onde se vende azeite. A ida à loja

leva tempo e o tráfego é febril e esgotador de nervos. A preparação também leva tempo. O proprietário só negociará com ouro que tenha sido provado no fogo e com aqueles que estejam a usar colírio e vestidos de vestes brancas (Apoc. 3:14-22). Todas as dez virgens estavam exaustas, pois tinha sido um período muito ocupado.

Mas o resultado final da preparação de cada grupo é muitas vezes passado por alto. Um grupo emitia luz na escuridão, enquanto que o outro só podia contribuir para a escuridão. É muito importante ver a relação aqui. O azeite é a diferença distinguidora, pois não podemos dar luz sem ele. Ele é a experiência crucial da preparação.

O facto das cinco virgens loucas terem corrido para a loja, para tentarem comprar azeite, prova que elas sabiam onde e como obter o azeite. Os termos eram perfeitamente claros. Mas haviam negligenciado aquiescer com eles.

É-nos dito que haverá alguns que parecem estar a emitir luz mediante grandes actos de beneficência, enquanto as suas lâmpadas estão, na realidade, vazias. Alguns parecerão estar a preparar-se mediante a sua ida regular à igreja, a sua adesão rigorosa à reforma da saúde e a sua entusiasta recolha de fundos, etc. Mas será descoberto no final que estiveram tão ocupados que não puderam comprar azeite algum (Mat. 24:37, 38); *Parábolas de Jesus*, p. 408).

Precisamos de recordar que o cristianismo não é um espectáculo. É uma questão de vida e de morte. E as escolhas determinam o destino. Portanto, porque estamos a fazer o papel de actores? Pode ser que o conflito se tenha tornado obscuro para nós, que a história se tenha tornado um conto de fadas num campo de batalha imaginário do Universo, e que tenhamos sido apanhados pela magia das virgens de estanho? (*Nota do tradutor*: Aqui nesta frase e nas anteriores, *virgens de estanho* — «tin virgins», o autor compara as virgens a uma espécie de bonecos, soldados de chumbo, que se utilizavam antigamente em jogos de batalhas.)

### O Conflito é Real

É quase meia-noite para a igreja de Deus. Os ponteiros do relógio permanecem sobrepostos. A qualquer momento, o toque dos sinos do relógio retinirá por todo o universo. É real. O

reino vindouro é real. O grito final da mensagem dos três anjos está a soar por todo o mundo. O Noivo está prestes a aparecer. Espalhadas pelo campo do conflito estão os vencedores e os vencidos. O povo de Deus permanece firme no período mais intenso da batalha. São achados com corações limpos e plenamente armados com a couraça da justiça. Jesus é o seu dirigente. Para eles o mundo perdeu o seu brilho. Não se conformaram com ele, mas antes permaneceram separados dele — embaixadores do reino celestial.

---

## Jesus anseia que sejamos encontrados como virgens sábias.

---

O Universo observa enquanto a batalha progride. Grande confusão reina entre aqueles que não conseguem interpretar os tempos. É como se tacteassem na escuridão sem uma luz. Paz e calma são vistas nos rostos do povo de Deus. Porquê? Porque se encontram a aguardar o Noivo; na procissão, com um guia e consolador seguro, têm azeite nas suas lâmpadas.

Deus precisa de um povo a quem isto soe real. Precisa de um povo que creia que são actores de importância capital num conflito real em marcha e não apenas actores num drama de jogos de brinquedo. Agora é o tempo. O reino é vindo — e ele é real.

### Perguntas para Reflexão:

1. Qual pensa ser o significado que o autor pretende transmitir com o uso da expressão «virgens de estanho»? Quão importante é isto para o tema que ele desenvolve?
2. Se o azeite representa o Espírito Santo, que aplicação faríeis do facto das virgens precisarem de comprá-lo?



Mike Ryan é director da Missão Global da Conferência Geral.

# Como Enfrentaremos o Juízo?

## *A Parábola do Vestido Nupcial\**

Por Ellen G. White

*Escritura: Mateus 22:1-14*

A parábola do vestido nupcial expõe perante nós uma lição da mais elevada consequência. Pelo casamento é representada a união da humanidade com a divindade; o vestido nupcial representa o carácter que todos devem possuir para poderem ser aceites como convidados adequados para o casamento.

Pelo exame do rei aos candidatas na festa é representada a obra do julgamento. Os convidados à festa do evangelho são aqueles que professam servir a Deus, aqueles cujos nomes estão escritos no livro da vida. Mas nem todos os que professam ser cristãos são verdadeiros discípulos. Antes de ser dada a recompensa final, deve decidir-se quem está apto a partilhar da herança dos justos. Esta decisão deve fazer-se antes da segunda vinda de Cristo nas nuvens do Céu; pois quando Ele vier, a Sua recompensa está com Ele «para dar a cada um segundo a sua obra» (Apoc. 22:12). Antes da Sua vinda, portanto, o carácter da obra de cada homem terá sido determinado, e a cada um dos seguidores de Cristo terá sido atribuída a recompensa de acordo com as suas obras ou actos.

É enquanto os homens estão ainda a viver sobre a Terra que a obra do juízo investigativo tem lugar nas cortes celestiais. As vidas de todos os Seus professos seguidores passarão em revista perante Deus. Todos serão examinados de acordo com o registo dos livros ce-

lestiais e, segundo os seus actos, o destino de cada um é decidido para sempre.

Pelo vestido nupcial na parábola é representado o carácter puro e imaculado que os verdadeiros seguidores de Cristo possuirão. À igreja, «foi-lhe dado que se vestisse de linho fino, puro e resplandecente», «sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante» (Apocalipse 19:8). É a justiça de Cristo, o Seu próprio carácter imaculado, que, pela fé, é concedido a todos os que O recebem como Salvador pessoal.

O manto branco da inocência foi usado pelos nossos primeiros pais quando foram colocados por Deus no santo Éden. Eles viviam em perfeita conformidade com a vontade de Deus. Toda a força das suas afeições era dada ao seu Pai celestial. Uma luz bela e suave envolvia o santo par. Este manto de luz era um símbolo das suas vestes espirituais de inocência celestial. Se eles tivessem permanecido leais a Deus, ela teria continuado a envolvê-los para sempre. Mas quando entrou o pecado, eles cortaram a sua ligação com Deus, e a luz que os tinha circundado foi-se embora. Nus e envergonhados, procuraram suprir a falta das vestes celestiais ao coserem folhas de figueira para lhes servir de cobertura.

Isto é o que os transgressores da lei de Deus sempre têm feito desde a desobediência de Adão e Eva. Têm cosido folhas de figueira para cobrir a nudez causada pela transgressão. Têm usado as vestes da sua própria confecção, pelas suas próprias obras têm tentado cobrir os seus pecados e tornarem-se aceitáveis a Deus.

Mas isto eles nunca poderão fazer. O homem não pode idear nada que

substitua a perda do seu manto de inocência. Nenhum vestido de folhas de figueira, nenhum vestido de cidadão mundano, pode ser usado por aqueles que se sentarão com Cristo e os anjos nas bodas do Cordeiro.

Somente a cobertura que o próprio Cristo proveu nos pode tornar aptos a comparecer na presença de Deus. Esta cobertura, o manto da Sua própria justiça, Cristo colocará sobre cada alma arrependida e crente. «Aconselhe-te», diz Ele, «que de Mim compres... vestidos brancos, para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez» (Apoc. 13:18).

Este vestido, tecido no tear do Céu, não contém fio algum de urdidura humana. Cristo na Sua humanidade criou um carácter perfeito e o Seu carácter Ele oferece conceder-no-lo. «Todas as nossas justiças são como trapo da imundícia» (Isa. 64:6). Tudo o que fizermos por nós mesmos está manchado pelo pecado. Mas o filho de Deus «Se manifestou para tirar os nossos pecados; e n'Ele não há pecado.» O pecado é definido como sendo «a transgressão da lei» (I João 3:5, 4). Mas Cristo foi obediente a todo o requisito da lei: Ele disse de si mesmo: «Deleito-me em fazer a tua vontade; ó Deus meu; sim, a tua lei está dentro do meu coração» (Sal. 40:8). Quando estava na Terra, declarou aos Seus discípulos: «Eu tenho guardado os mandamentos de Meu Pai» (João 15:10). Pela Sua perfeita obediência, Ele tornou possível a cada ser humano obedecer aos mandamentos de Deus.

Quando nos submetemos a Cristo, o coração une-se ao Seu coração, a vontade funde-se com a Sua vontade, a mente torna-se uma com a Sua mente, os pensamentos ficam sujeitos a Ele; vivemos a Sua vida. Isto é o que significa estar vestido com o manto da Sua justiça. Então o Senhor, ao olhar para nós, vê, não o vestido de folhas de figueira, não a nudez e deformidade do pecado, mas o Seu próprio manto de justiça, que é perfeita obediência à lei de Jeová.

Os convidados à festa de casamento foram inspeccionados pelo rei. Só foram aceites aqueles que obedeceram aos seus requisitos e vestiram o vestido nupcial. O mesmo se dá com os convidados à festa do evangelho. Todos devem passar sob o escrutínio do grande Rei, e só serão aceites aqueles que vestiram o manto da justiça de Cristo.

\* Retirado do capítulo «Sem um Vestido Nupcial», do livro *Parábolas de Jesus*, págs. 307-319.



Justiça é fazer o que é recto, e é pelos seus actos que todos serão julgados. Os nossos caracteres revelam-se por aquilo que fazemos. As obras revelam-se por aquilo que fazemos. As obras revelam se a fé é genuína.

Não basta crermos que Jesus não é um impostor e que a religião da Bíblia não é uma fábula elaborada astutamente. Podemos crer que o nome de Jesus é o único nome debaixo do Céu pelo qual podemos ser salvos, e todavia podemos não fazer d'Ele, pela fé, o nosso Salvador pessoal. Não basta crer na teoria da verdade. Não basta fazer profissão de fé em Cristo e ter os nossos nomes registados nos livros da igreja. «Aquele que guarda os seus mandamentos está n'Ele e Ele nele. E nisto conhecemos que Ele está em nós: pelo Espírito que nos tem dado.» «E nisto sabemos que O conhecemos: se guardarmos os Seus mandamentos» (I João 3:24; 2:3). Esta é a evidência genuína da conversão. Qualquer que seja a nossa profissão de fé, ela de nada vale a não ser que Cristo seja revelado em obras de justiça.

A verdade tem que estar plantada no coração. Tem que controlar a mente e regular as afeições. Todo o carácter deve ser selado com as ordenações divinas. Cada jota e til da Palavra de Deus deve ser posto diariamente em prática.

Aquele que se torna participante da natureza divina estará em harmonia com o grande padrão da justiça de Deus, a Sua santa lei. Esta é a regra pela qual Deus julga as acções dos homens. Isto será o teste do carácter no juízo....

Satanás alegara que era impossível ao homem obedecer aos mandamentos de Deus; e na nossa própria força é verdade que não podemos obedecer-lhes. Mas Cristo veio na forma humana, e pela Sua perfeita obediência provou que a humanidade e a divindade combinadas podem obedecer a cada um dos preceitos de Deus.

«Mas, a todos quantos O receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que crêem no Seu nome»<sup>1</sup>(João 1:12). Este poder não está no agente humano. É o poder de Deus. Quando uma alma recebe Cristo, ela recebe poder para viver a vida de Cristo.

Deus requer perfeição dos Seus filhos. A Sua lei é uma transcrição do Seu próprio carácter e é o padrão de todo o carácter. Este padrão infinito é apresentado a todos para que ninguém erre quanto à espécie de pessoas que

Deus aceitará para fazerem parte do Seu reino. A vida de Cristo na Terra foi uma perfeita expressão da lei de Deus, e quando aqueles que professam ser filhos de Deus se tornarem semelhantes a Cristo no carácter, eles obedecerão aos mandamentos de Deus. Então o Senhor pode confiar neles para fazerem parte do número dos que constituirão a família do céu. Vestidos com o manto glorioso da justiça de Cristo, têm lugar na festa do Rei. Têm o direito de se unir à multidão que foi lavada pelo sangue de Cristo.

O homem que veio à festa sem vestido nupcial representa a condição de muitos no nosso mundo de hoje. Professam ser cristãos e reclamam as bênçãos e privilégios do evangelho, todavia não sentem necessidade alguma de uma transformação de carácter. Nunca sentiram verdadeiro arrependimento do pecado. Não compreendem a sua necessidade de Cristo nem exercem fé n'Ele. Não venceram as suas tendências hereditárias ou cultivadas para fazer o mal. Todavia consideram-se suficientemente bons em si mesmos, e descansam nos seus próprios méritos em vez de confiarem em Cristo. São ouvintes da palavra, vêm para o banquete, mas não vestiram o manto da justiça de Cristo....

A justiça de Cristo não cobrirá um único pecado acariciado. Um homem pode ser transgressor da lei no coração; todavia se não comete nenhum acto exterior de transgressão, pode ser considerado pelo mundo como possuindo grande integridade. Mas a lei de Deus perscruta os segredos do coração. Cada acto é julgado pelos motivos que o impeliram. Somente aquilo que estiver de acordo com a lei de Deus subsistirá no juízo....

A retrospectiva será triste, naquele dia, quando os homens se encontrarem face a face com a eternidade. A vida toda apresentar-se-á tal como tem sido. Os prazeres, riquezas e honras do mundo não parecerão então tão importantes. Os homens verão então que a justiça que desprezaram é a única coi-

sa de valor. Verão que moldaram os seus caracteres de acordo com as seduções de Satanás. As vestes que escolheram são o emblema da sua aliança com o primeiro grande apóstata. Verão então os resultados da sua escolha. Terão um conhecimento do que significa transgredir os mandamentos de Deus.

Não haverá provação alguma futura durante a qual nos possamos preparar para a eternidade. É nesta vida que devemos vestir o manto da justiça de Cristo. Esta é a nossa única oportunidade para formar caracteres para o lar que Cristo preparou para aqueles que obedecem aos Seus mandamentos.

Os dias da nossa provação estão rapidamente a encerrar-se. O fim está próximo. É-nos dada a advertência: «E olhai por vós, não aconteça que os vossos corações se carreguem de glotonaria, de embriaguez, e dos cuidados da vida, e venha sobre vós, de improviso, aquele dia» (Lucas 21:34). Tende cuidado para não serdes encontrados sem estardes preparados. Acautelai-vos para não serdes encontrados na festa do Rei sem vestido nupcial.

### Perguntas para Reflexão:

1. Qual é o significado do exame do Rei aos convidados? E qual é a importância disto para nós?
2. O que é o vestido nupcial? Como podemos adquiri-lo?
3. Qual é a relação entre esta parábola e a justificação pela fé?



*Ellen G. White foi um dos membros fundadores da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Escreveu mais de 100.000 páginas de produção literária até à sua morte em 1915. A sua obra continua a ser uma voz profética dentro da Igreja Adventista.*

**«Não rejeiteis a vossa confiança, que tem grande e avultado galardão. Porque necessitais de paciência, para que, depois de haverdes feito a vontade de Deus, possais alcançar a promessa. Porque ainda um pouquinho de tempo, e O que há-de vir virá, e não tardará.»**

Heb. 10:35-37

# Uma Mensagem do Presidente



Por Robert S. Folkenberg

Queridos Irmãos em Cristo,  
Parábolas!

Nós cristãos gostamos de parábolas. A própria palavra faz sorrir as nossas faces. Faz as nossas mentes correrem com antecipação, para rever as nossas parábolas favoritas da Bíblia. Em que parábolas estão a pensar agora mesmo? Na parábola da moeda perdida? Na da figueira estéril? Na do bom Samaritano? A ovelha perdida? A semente de mostarda? A da pérola de grande preço? A do filho pródigo? A dos lavradores maus? A do pai de família com coisas velhas e novas? A do semeador? A do rico e Lázaro? A da festa de casamento?

Às vezes até cantamos parábolas. Qual a criança, pai ou monitor/a da Escola Sabatina que não se sente feliz e confiante quando canta sobre o sábio que construiu a sua casa sobre a rocha?

O que é que faz que gostemos tanto das parábolas?

Eu penso que gostamos das parábolas bíblicas porque Cristo gostava

de as usar para ensinar lições sobre a verdade (*Educação*, p. 102).

Porque é que Ele as usava?

Porque esta era a melhor maneira de comunicar preceitos eternos àquelas que se reuniam à Sua volta. Ellen White explica: «Mediante parábolas e comparações Ele encontrou o melhor método de comunicar a verdade divina. Com linguagem simples, usando figuras e ilustrações retiradas do mundo natural, Ele expôs verdades espirituais aos Seus ouvintes, e deu expressão a princípios preciosos que teriam passado despercebidos nas suas mentes, e dificilmente teriam deixado qualquer traço, se Ele não tivesse unido as Suas palavras com cenas emocionantes da vida, da experiência, ou da natureza.» (*Fundamentos de Educação Cristã*, p. 236.)

Mas as parábolas são mais do que histórias que o nosso Salvador contou há quase 2000 anos. Elas são histórias que contêm verdades simples que «são tão necessárias hoje como o eram quando Ele estava em pessoa no mundo.» (*Evangelismo*, p. 393.) E essa é, provavelmente, outra razão porque meninos e meninas, homens e mulheres, em todos os países, gostam das parábolas. Elas ensinam verdades básicas de uma maneira que podemos compreender e lembrar.

Tem nas suas mãos esta edição especial da *Revista Adventista* com as mensagens da Semana de Oração. Espere e oro a Deus para que se sintam tão excitados com as leituras da Semana de Oração deste ano como eu. Deverá sentir-se, porque elas baseiam-se em parábolas.

Convido-o a saborear as verdades simples mas eternas, que terá nestas páginas e ouvirá nas apresentações devocionais diárias na sua congregação local. Aplique os seus princípios eternos à sua vida. Aproxime-se mais do seu Salvador em oração. Partilhe a sua felicidade no seu Senhor com a sua família, os seus vizinhos, os seus

colegas de estudo ou de trabalho.

Ellen White gostava tanto de parábolas que escreveu um livro inteiro sobre elas: *Parábolas de Jesus*. Recomendo-lhe esse livro para leitura «adicional» durante esta semana de Oração — ou estudo adicional posterior. Entesourará, sem dúvida, as inspirações que dele obterá. Pois «as parábolas de Cristo são elos na cadeia da verdade que une o homem com Deus, e a Terra com o Céu.» (*Parábolas de Jesus*, pgs. 17, 18.)

Mas não pare com o seu estudo das parábolas no fim desta Semana de Oração. Quando tiver tempo, selecione e leia uma parábola de Cristo na sua versão favorita da Bíblia. Procure novos vislumbres lendo a parábola numa versão que nunca tenha lido antes. Depois leia o capítulo de *Parábolas de Jesus* sobre a mesma parábola.

E desejo também recomendar-lhe para sua leitura o órgão que lhe traz cada ano as leituras da Semana de Oração — a *Revista Adventista*. Cada família deveria ter acesso à nossa publicação geral da igreja, que traz notícias e inspiração para todos os nossos crentes.

Sinto-me excitado com as mensagens devocionais que se encontram dentro desta edição da *Revista*. Espero que também se sintam excitados. E não fique surpreendido se esta Semana de Oração e o seu estudo continuado das parábolas o trouxer um pouco para mais perto do Céu.

Vosso irmão em Cristo

Robert S. Folkenberg

*Robert S. Folkenberg é presidente da Conferência Geral.*